

LEO TOLSTOY

UMA CONFISSÃO



Leo Tolstoy

UMA CONFISSÃO

Apresentação

Uma confissão foi escrita em 1879, época em que Liev Tolstói residia na grande propriedade rural da sua família, Iásnaia Poliana, nos arredores da cidade de Tula, na Rússia. Tolstói tinha 51 anos. Como ele mesmo ressalta no seu livro, era casado com uma esposa dedicada, tinha filhos saudáveis e desfrutava o padrão de conforto próprio à elite russa da época. Não tinha nenhum motivo para se preocupar com as condições de vida da família.

Antes, na década de 1860, Tolstói havia escrito o romance *Guerra e paz* e, na década de 1870, *Anna Karenina*, tidos até hoje como dois dos maiores clássicos da literatura mundial. Em 1879, Tolstói era um dos escritores mais admirados na Rússia, e sua reputação já se espalhava por outros países. A despeito de tudo isso, ou, quem sabe, em alguma medida justamente por isso, foi nessa ocasião que lhe vieram insistentes ideias de suicídio, no bojo de um angustiado questionamento sobre o sentido da vida e da morte. A narrativa dessa crise e da busca de alguma resposta satisfatória, capaz de, pelo menos, mitigar as razões que o empurravam para o suicídio, constitui o corpo de “Uma Confissão”.

A exemplo de muitos escritores russos, as polêmicas acompanhavam os seus escritos, e os debates incessantes, que permeavam diversas camadas sociais, agiam como fermento para novas obras, que, por sua vez, suscitavam novos debates, numa cadeia ininterrupta. Sem dúvida, esse processo constitui a principal fonte da riqueza e do largo alcance histórico da literatura russa.

I

Fui batizado e criado na fé cristã ortodoxa. Foi o que me ensinaram desde a infância e durante toda a adolescência e juventude. Mas, aos dezoito anos, quando abandonei o segundo período da universidade, já não acreditava em mais nada do que me haviam ensinado.

A julgar por certas lembranças, nunca acreditei a sério, apenas confiava no que me ensinavam e no que os adultos professavam, à minha frente; mas essa fé era muito vacilante.

Lembro que, quando eu tinha onze anos, um aluno do ginásio, um menino chamado Volódinka M., que morreu já faz muito tempo, veio à nossa casa no domingo e, como se fosse uma grande novidade, nos comunicou uma descoberta feita no colégio. A descoberta consistia em que Deus não existe e que tudo o que nos ensinavam não passava de invenções (o ano era 1838). Lembro que meus irmãos mais velhos se interessaram pela novidade e me chamaram para discutir. Lembro que todos ficamos bastante animados e recebemos aquela notícia como algo muito interessante e perfeitamente possível.

Lembro também que, quando meu irmão mais velho, Dimítri, estava na universidade e, de repente, com todo o entusiasmo peculiar à sua natureza, abraçou a fé e passou a ir a todas as missas, jejuar e levar uma vida pura e justa, todos nós, até os mais velhos, não parávamos de zombar dele e, não sei porque, o apelidamos de Noé. Lembro que Mússin Púchkin, então curador da Universidade de Kazan, nos convidou para um baile em sua casa e, em tom jocoso, tentou convencer também meu irmão, que rejeitara o

convite, dizendo que até Davi tinha dançado diante da arca. Na época eu simpatizava com essas brincadeiras dos mais velhos e delas extraía a conclusão de que era preciso estudar o catecismo, era preciso ir à igreja, mas não convinha levar tudo isso muito a sério. Lembro também que, muito jovem, eu lia Voltaire e suas zombarias não só não me chocavam como me divertiam bastante.

Minha deserção da fé ocorreu, dentro de mim, da mesma forma como ocorria, e ocorre agora, nas pessoas com nosso tipo de formação. Parece-me que, na maioria dos casos, se passa assim: as pessoas vivem como todos vivem, e vivem com base em princípios que não só não têm nada de comum com a doutrina religiosa como, na maior parte, são contrários a ela; a doutrina religiosa não participa da vida, nunca serve para afetar as relações com os outros nem serve para guiar a vida pessoal; é professada em qualquer outro lugar, longe da vida, e de forma alheia a ela. Se deparamos com a doutrina religiosa, é apenas como um fenómeno exterior, sem relação com a vida.

Pela vida de um homem, por suas ocupações, hoje, como antigamente, é impossível saber se ele é crente ou não. Se existe diferença entre os que professam abertamente a fé ortodoxa e os que a negam, tal diferença não favorece os primeiros. Hoje, como antigamente, a aceitação e a confissão declaradas da fé ortodoxa encontram-se, na maior parte, em pessoas estúpidas, cruéis, imorais, que se julgam muito importantes. Já a inteligência, a honestidade, a retidão, a generosidade e a moral encontram-se, na maior parte, em pessoas que se declaram sem fé.

Nas escolas, ensinam o catecismo e mandam os alunos irem à igreja; exigem dos funcionários públicos certidões de que fizeram a comunhão. Mas o homem de nosso círculo, que concluiu os estudos e não está no serviço público, pode passar dez anos, agora e antigamente mais ainda, sem lembrar nem uma vez que

vive entre cristãos e que ele mesmo é considerado alguém que professa a fé cristã ortodoxa.

Assim, hoje, como em tempos passados, a doutrina religiosa, adotada por confiança e sustentada por pressão externa, aos poucos se derrete sob a influência do conhecimento e das experiências da vida, contrárias à doutrina religiosa, e é muito comum que um homem viva bastante tempo imaginando que traz plenamente dentro de si a doutrina religiosa da fé que lhe foi transmitida na infância, quando já faz muito tempo que dela não resta nenhum vestígio.

S., um homem inteligente e honesto, me contou como parou de acreditar. Tinha já vinte e seis anos, estava numa viagem de caça e à noite, na hora de dormir, segundo um antigo costume adquirido na infância, se levantou e começou a rezar. O irmão mais velho, que tinha ido caçar com S., estava deitado sobre o feno e olhava para ele. Quando S. terminou e foi deitar-se, o irmão lhe disse: “Mas você ainda faz isso?”. E não disseram mais nada um ao outro. A partir desse dia, S. parou de rezar e de ir à igreja. Já faz trinta anos que não reza, não comunga e não vai à igreja. E não porque conheceu as ideias do irmão e aderiu a elas, nem porque resolveu algo em seu íntimo, mas apenas porque as palavras ditas pelo irmão foram como o toque de um dedo num muro já pronto a desabar sob o próprio peso; tais palavras foram a indicação de que, lá onde ele achava que estava a fê, já fazia muito tempo era um lugar vazio e, por isso, as palavras que ele dizia, os sinais da cruz, as reverências que ele fazia quando tomava a posição de rezar eram, de facto, ações inteiramente sem sentido. Tendo tomado consciência dessa falta de sentido, não podia continuar.

Assim acontecia, e acontece, creio, com a imensa maioria das pessoas. Falo das pessoas com nosso tipo de formação, falo das pessoas honestas consigo mesmas, e não daquelas que fazem do

próprio objeto da fé um meio para alcançar quaisquer objetivos efêmeros. (Essas pessoas são os descrentes mais radicais, pois se, para elas, a fé é um meio para alcançar quaisquer objetivos mundanos, seguramente isso já não é fé.) Essas pessoas com nosso tipo de formação se encontram numa posição em que a luz do conhecimento e da vida pôs abaixo esse edifício artificial, e elas ou já perceberam isso e deixaram o local livre ou ainda não perceberam.

A doutrina religiosa que me foi transmitida desde a infância desapareceu dentro de mim da mesma forma como nos outros; a única diferença é que, como comecei cedo a ler e pensar, minha renúncia à doutrina religiosa se tornou consciente também muito cedo. Aos dezasseis anos, parei de rezar e, por iniciativa própria, parei de ir à igreja e jejuar. Parei de crer no que tinham me transmitido desde a infância, mas acreditava em algo. No que eu acreditava, não seria absolutamente capaz de dizer. Acreditava em Deus, ou melhor, não negava Deus, mas que Deus, eu não seria capaz de dizer; também não negava Cristo e seu ensinamento, mas em que consistia esse ensinamento, também não seria capaz de dizer.

Agora, ao recordar aquele tempo, vejo com clareza que minha fé – aquilo que, além dos instintos animais, movia minha vida –, minha única fé verdadeira, naquele tempo, era a fé no autoaperfeiçoamento. Mas em que consistia o autoaperfeiçoamento e qual era seu objetivo, eu não seria capaz de dizer. Tentava me aperfeiçoar intelectualmente – estudava tudo que podia e tudo que a vida pusesse em meu caminho; tentava aperfeiçoar minha vontade –, estabelecia regras para mim mesmo, que eu me empenhava em cumprir; por meio de toda a sorte de exercícios, aperfeiçoava minha condição física, para apurar a força e a agilidade, e por meio de toda sorte de privações me adestrava para a resistência e para

a perseverança. E eu considerava tudo isso um autoaperfeiçoamento. O início de tudo era, está claro, o aperfeiçoamento moral, mas logo isso deu lugar ao aperfeiçoamento em geral, ou seja, ao desejo de ser melhor não perante si mesmo ou perante Deus, mas sim o desejo de ser melhor aos olhos das pessoas. E bem cedo essa aspiração de ser melhor deu lugar ao desejo de ser mais forte que as pessoas, ou seja, mais famoso, mais importante, mais rico que os outros.

II

Um dia, vou contar a história de minha vida, o que houve de comovente e de instrutivo naqueles dez anos de minha juventude. Acho que muitos outros experimentaram o mesmo. Com toda a alma, eu desejava ser bom; mas era moço, tinha paixões e estava sozinho, absolutamente sozinho, quando procurava o bem. Toda vez que tentava exprimir em que consistiam meus desejos mais sinceros, ou seja, ser moralmente bom, encontrava desprezo e zombaria; porém, assim que me rendia a paixões sórdidas, me elogiavam e incentivavam. A ambição, o desejo de poder, a cobiça, o orgulho, a ira, a vingança, tudo isso era respeitado. Quando me entregava a essas paixões, eu me tornava semelhante a um adulto e sentia que ficavam satisfeitos comigo. Minha boa tia, uma criatura puríssima, com quem eu morava, vivia me dizendo que não desejava para mim outra coisa senão que eu tivesse um relacionamento com uma mulher casada: *“Rien ne forme un jeune homme comme une liaison avec une femme comme il faut”*; outra felicidade que ela desejava para mim era que eu fosse ajudante de ordens, e melhor ainda se fosse ajudante de ordens do czar; e a felicidade suprema seria que eu me casasse com uma jovem muito rica e, em consequência do casamento, tomasse posse do maior número possível de servos.

Não consigo lembrar-me daqueles anos sem horror, repugnância e dor no coração. Eu matava pessoas na guerra, desafiava homens para duelos com o intuito de matar, perdia dinheiro no jogo de cartas, desperdiçava o trabalho dos mujiques e os martirizava, levava uma vida depravada, ludibriava. Mentira, roubo,

luxúrias de todo tipo, bebedeira, violência, assassinato... Não havia crime que eu não cometesse e, por tudo isso, meus colegas me elogiavam, me consideravam, e me consideram, um homem relativamente moral.

Assim vivi dez anos.

Nessa época, comecei a escrever por vaidade, cobiça e orgulho. Em meus escritos, fiz a mesma coisa que fazia na vida. Para ter fama e dinheiro, razão pela qual escrevia, era preciso esconder o bem e mostrar o mal. E assim eu fazia. Quantas vezes eu usava de astúcia para encobrir, em meus escritos, sob a aparência da indiferença e até de uma leve zombaria, meus esforços para o bem, que constituíam o sentido de minha vida. E conseguia: me elogiavam.

Aos vinte e seis anos, voltei da guerra para Petersburgo e tive conhecimento com escritores. Receberam-me como um dos seus, me lisonjearam. E, antes que eu pudesse perceber, o modo de ver a vida próprio à casta dos escritores, as pessoas com as quais entrei em contato, foi assimilado por mim e logo apagou por completo todas as minhas tentativas anteriores de me tornar melhor. Tal modo de ver a vida se baseava numa teoria que justificava a libertinagem em minha maneira de viver.

Aquelas pessoas, meus companheiros de escrita, tinham um modo de ver a vida que, em geral, consistia em notar que a vida se desenvolve e que, nesse desenvolvimento, quem representa o papel principal somos nós, as pessoas de pensamento, e que, entre as pessoas de pensamento, quem exerce a principal influência somos nós, os artistas, os poetas. Nossa missão é ensinar as pessoas. Para tanto – e para não ter de formular esta pergunta, natural em si mesma: o que sei e o que devo ensinar? –, nessa teoria ficava explicado que não era preciso saber disso e que o artista e o poeta ensinam de forma inconsciente. Eu julgava maravilhosos o poeta

e o artista e por isso, para mim, foi muito natural adotar essa teoria. Eu – artista, poeta – escrevia, ensinava, sem eu mesmo saber o quê. Pagavam-me em dinheiro por isso, eu tinha excelente alimentação, acomodações, mulheres, vida social, tinha fama. Ou seja, o que eu ensinava era muito bom.

A fé estava na relevância da poesia e no desenvolvimento da vida, e eu era um de seus sacerdotes. Ser seu sacerdote era bastante vantajoso e agradável. E vivi bastante tempo nessa fé, sem duvidar de sua verdade. Porém, no segundo e, sobretudo, no terceiro ano dessa vida, comecei a duvidar da infalibilidade dessa verdade e comecei a investigá-la. O primeiro motivo da dúvida foi que comecei a notar que nem todos os sacerdotes dessa fé estavam de acordo entre si. Uns diziam: somos os melhores e mais úteis professores, ensinamos o que é necessário, os outros ensinam errado. Já outros diziam: não, nós é que somos os verdadeiros, vocês ensinam errado. E discutiam, brigavam, xingavam, traíam, trapaceavam-se mutuamente. Além do mais, havia entre nós muita gente que nem se preocupava com quem tinha razão e quem não tinha; apenas se preocupava em alcançar seus objetivos interesseiros, apoiados naquela nossa atividade. Tudo isso me obrigou a pôr em dúvida a verdade de nossa fé.

Além do mais, depois de pôr em dúvida a verdade da fé dos escritores, passei a examinar atentamente seus sacerdotes e me convenci de que quase todos os sacerdotes dessa fé, os escritores, eram pessoas imorais e, na maioria, pessoas ruins, sem caráter – muitos deles eram inferiores às pessoas que eu encontrava, antes, em minha vida de soldado e de farras –, e no entanto eram muito autoconfiantes e satisfeitas consigo mesmas, como apenas podem ser pessoas absolutamente santas ou pessoas que ignoram o que é a santidade. Essas pessoas me davam nojo, eu tinha nojo de mim mesmo e entendi que essa fé é uma impostura.

Mas o estranho é que, apesar de ter entendido depressa toda a mentira dessa fé e de a ter renegado, não reneguei o título que aquelas pessoas me conferiram, o título de artista, poeta, professor. Ingênuo, imaginava que eu era poeta, artista, e podia ensinar todo mundo, sem que eu mesmo soubesse o que ensinava. E assim fiz.

Em razão da proximidade com essas pessoas, adquiri um novo defeito: um orgulho que desenvolvi até à enfermidade, além da certeza louca de que minha vocação era ensinar as pessoas, sem que eu mesmo soubesse o quê.

Agora, ao recordar aquele tempo, meu estado de espírito na época e o estado de espírito daquelas pessoas (que, de resto, hoje são milhares), me dá pena, e medo, e vontade de rir – desperta o mesmo sentimento que experimentamos num hospício.

Na época, estávamos convencidos de que tínhamos de falar sem parar, escrever, publicar – o mais depressa possível, na maior quantidade possível, e que tudo isso era necessário para o bem da humanidade. E milhares de nós, repudiando, xingando uns aos outros, todos publicávamos, escrevamos, ensinando os outros. E, sem perceber que não sabíamos nada, que mesmo diante da mais simples questão da vida – o que é bom, o que é ruim – não sabíamos o que responder. Todos nós, sem ouvir uns aos outros, não parávamos de falar, às vezes fazíamos a vontade uns dos outros e elogiávamos uns aos outros, para que depois também fizessem minha vontade e me elogiassem, mas outras vezes irritávamos uns aos outros e berrávamos uns com os outros, exatamente como num hospício.

Dia e noite, milhares de operários trabalhavam até o fim de suas forças, punham em ordem e imprimiam milhares de palavras, e o correio as difundia por toda a Rússia, e nós ensinávamos, ensinávamos e ensinávamos, cada vez mais, e não conseguíamos de

jeito nenhum ensinar tudo e sempre nos zangávamos, porque nos davam pouca atenção.

É tremendamente estranho, mas agora entendo. Nosso argumento autêntico e sincero era que desejávamos ganhar a maior quantidade possível de dinheiro e de elogios. A fim de alcançar esse objetivo, não éramos capazes de fazer outra coisa que não escrever livretos e jornais. E fizemos isso. Porém, para fazer algo tão inútil e ter a certeza de que éramos pessoas muito importantes, precisávamos de outro argumento, que justificasse nossa atividade. E então inventamos o seguinte: tudo que existe é racional. Tudo que existe sempre se desenvolve. E tudo se desenvolve por meio da educação. A educação é medida pela difusão de livros e jornais. E nos pagam dinheiro, nos respeitam, porque escrevemos livros e jornais e porque somos as melhores e mais úteis pessoas. Tal argumento seria muito bom, se todos estivéssemos de acordo; mas, como para cada pensamento dito por alguém havia sempre um pensamento diametralmente oposto, dito por outro, deveríamos nos sentir obrigados a pensar melhor. No entanto, nem percebíamos isso. Davam dinheiro para nós, e as pessoas de nosso meio nos louvavam – ou seja, nós, cada um de nós, nos considerávamos certos.

Hoje, está claro para mim que aquilo não era nada diferente de um hospício; mas, na época, eu apenas desconfiava e, como qualquer louco, apenas chamava todos os outros de loucos, menos a mim mesmo.

III

Assim vivi, entregando-me a essa loucura por mais seis anos, até meu casamento. Nessa época, fui para o exterior. A vida na Europa e o contato com pessoas europeias, avançadas e cultas, reforçaram em mim, mais ainda, essa fé no aperfeiçoamento em geral, em que eu vivia, porque era essa mesma fé que eu encontrava naquelas pessoas. E ela tomou para mim a forma habitual que apresenta para a maioria das pessoas educadas de nosso tempo. Essa fé se exprimia por meio da palavra “progresso”. Na ocasião, me parecia que essa palavra exprimia alguma coisa. Ainda não entendia que, atormentado, como qualquer pessoa viva, pela questão “Como faço para viver melhor?”, ao responder: “Viver de acordo com o progresso”, eu falava exatamente como um homem num barco, carregado pelas ondas e pelo vento, que, diante da única pergunta importante para ele, “Em que rumo devo seguir?”, em vez de responder, diz: “Estamos sendo arrastados não se sabe para onde”.

Na época, eu não percebi isso. Só de vez em quando, não a razão, mas o sentimento se rebelava contra essa superstição generalizada em nosso tempo, com a qual as pessoas escondem de si mesmas a própria incompreensão da vida. Assim, em minha temporada em Paris, a execução pública de uma pena de morte denunciou, para mim, a precariedade da minha superstição no progresso. Quando vi a cabeça separar-se do corpo e ouvi o barulho das duas partes batendo dentro de uma caixa, entendi – não com a razão, mas com todo o ser – que nenhuma teoria da racionalidade do que existe e do progresso é capaz de justificar aquela ação

e que, mesmo que todas as pessoas do mundo, por força de quaisquer teorias, desde a criação do mundo, achem que isso é necessário, eu sei que não é necessário, sei que é ruim e que, portanto, ao avaliar o que é bom e necessário, não sigo o que as pessoas dizem e fazem, nem o progresso, mas meu coração. Outro exemplo de compreensão da insuficiência da superstição no progresso para a vida foi a morte de meu irmão. Homem inteligente, bondoso, sério, adoeceu jovem, sofreu mais de um ano e morreu entre tormentos, sem entender por que vivia e, menos ainda, por que morria. Nenhuma teoria foi capaz de dar resposta a essas perguntas, nem para mim nem para ele, na hora de sua agonia lenta e torturante.

Mas esses foram apenas casos raros de dúvida; na prática eu continuava a viver professando apenas a fé no progresso. “Tudo se desenvolve e eu também me desenvolvo; mas com que finalidade me desenvolvo junto a todos, isso se vê depois.” Assim eu devia formular minha fé, na época.

Quando voltei do exterior, me estabeleci no campo e me dediquei a cuidar das escolas para os camponeses. Essa ocupação era especialmente cara para mim, porque, nela, não havia aquelas mentiras, que se tornaram evidentes e que já chegavam a ferir meus olhos, da atividade de professor literário. Aqui eu também agia em nome do progresso, mas já o tratava de forma crítica. Dizia a mim mesmo que o progresso, em algumas de suas manifestações, se realizava de forma errada e que, aqui, era preciso relacionar-se com as pessoas primitivas, as crianças camponesas, de forma completamente livre, propor que elas escolhessem o rumo do progresso que quisessem.

No fundo, eu voltava sempre a rondar o mesmo problema insolúvel, que consistia em ensinar sem saber o quê. Nas esferas mais elevadas da atividade literária, ficou claro para mim que era impossível ensinar sem saber o que ensinar, porque eu via que

todos ensinavam coisas diferentes e, por meio das discussões que travavam, apenas escondiam de si mesmos sua ignorância; aqui, no entanto, com as crianças camponesas, eu achava que poderia contornar essa dificuldade, deixando que aprendessem o que quisessem. Hoje, acho ridículo lembrar como usei de subterfúgios para satisfazer minha luxúria de ensinar, apesar de saber muito bem, no fundo da alma, que não era capaz de ensinar nada do que era necessário, porque eu mesmo não sabia o que era necessário. Depois de um ano dedicado ao trabalho na escola, parti de novo para o exterior a fim de descobrir, lá, como fazer para, mesmo sem saber nada, conseguir ensinar os outros.

Pareceu-me ter aprendido isso no exterior e, munido de todo esse saber, voltei para a Rússia no ano da emancipação dos camponeses e, tendo assumido o cargo de juiz de paz, comecei a ensinar, nas escolas, o povo sem instrução e, numa revista que passei a editar, as pessoas instruídas. O trabalho parecia andar bem, mas eu sentia que não estava em perfeito estado de saúde mental e que aquilo não poderia durar muito. E, naquela ocasião, eu teria chegado ao desespero que, de facto, depois cheguei, aos cinquenta anos, se não existisse, ainda, um lado da vida que eu não havia experimentado e que me trazia a promessa de salvação: a vida familiar.

No decorrer de um ano, me ocupei com o trabalho de juiz de paz, com as escolas e com a revista, e me envolvi tanto que fiquei esgotado; tornou-se árdua demais a luta para exercer as funções de mediador de conflitos, revelou-se confusa demais minha atividade nas escolas, tornaram-se repulsivos demais meus subterfúgios na revista, que consistiam sempre na mesma coisa: no desejo de ensinar a todos e esconder que eu não sabia o que ensinar, que eu estava enfermo, antes espiritualmente do que fisicamente – e abandonei tudo e parti para a estepe, para a terra dos basquires, a fim de respirar ar puro, beber kumis e levar uma vida de animal.

Ao voltar de lá, casei. As novas condições de uma vida feliz em família me distraíam de qualquer busca do sentido geral da vida. Toda a minha vida, nessa época, se concentrava na família, na esposa, nos filhos e, portanto, nos cuidados para aumentar os meios de vida. A aspiração de autoaperfeiçoamento, substituída desde antes pela aspiração do aperfeiçoamento em geral, do progresso, agora foi diretamente substituída pela aspiração de que minha família e eu vivêssemos da melhor maneira possível.

Assim passaram mais quinze anos.

No decorrer desses quinze anos, embora eu achasse que escrever era uma bobagem, continuei a escrever mesmo assim. Já havia provado a tentação de escrever, a tentação da imensa recompensa pecuniária e do aplauso em troca de um trabalho insignificante, e me entregava a isso como um meio de melhorar minha situação material e de sufocar, na alma, quaisquer questões sobre o significado da minha vida e da vida em geral.

Eu escrevia, ensinando o que, para mim, era a única verdade: que é preciso viver do melhor modo possível para si e para a família.

Assim eu vivia, mas há cinco anos começou a acontecer comigo algo muito estranho: comecei a ter momentos, no início, de perplexidade, de interrupções da vida, como se eu não soubesse como viver, o que fazer, e me perdia e caía no desânimo. Mas isso passava e eu continuava a viver como antes. Depois, esses momentos de perplexidade começaram a se repetir cada vez com mais frequência e sempre da mesma forma. Aquelas interrupções da vida sempre se exprimiam com as mesmas questões: Para quê? Muito bem, mas e depois?

De início, me pareceu que eram questões despropositadas, impertinentes. Pareceu-me que tudo aquilo era mais do que sabido e que, se um dia eu quisesse me ocupar de resolver tais questões, não me custaria muito trabalho – que agora apenas não tinha

tempo para tratar do assunto, mas, quando parasse para pensar, logo encontraria as respostas. No entanto, as questões se repetiam cada vez mais frequentes, exigiam, cada vez mais insistentes, respostas e, como pontos que caem sempre no mesmo lugar, essas questões sem resposta foram se juntando e formando uma única mancha preta.

Aconteceu o que acontece com todos aqueles que contraem uma doença mortal interna. De início, aparecem sinais insignificantes de indisposição, em que a dor não chama a atenção; depois, esses sinais se repetem com cada vez mais frequência e se fundem num sofrimento único, indivisível no tempo. O sofrimento cresce e, antes que o doente possa perceber, fica claro que aquilo que ele tomava por uma indisposição é a coisa mais importante do mundo para ele: é a morte.

O mesmo aconteceu comigo. Entendi que aquilo não era uma indisposição fortuita, mas algo muito importante, e que se as mesmas questões sempre se repetem, é preciso lhes dar resposta. E tentei responder. As questões pareciam tão tolas, simples, infantis. Porém, assim que as toquei e tentei resolver, logo me convenci de que, em primeiro lugar, não se tratava de questões tolas e infantis, mas sim das questões mais importantes e mais profundas da vida e, em segundo lugar, que eu, por mais que pensasse, não conseguia lhes dar resposta. Antes de me ocupar de uma propriedade rural em Samara, da educação de um filho, da escrita de um livro, é preciso saber para que vou fazer isso. Enquanto não sei a finalidade, nada posso fazer. No meio de meus pensamentos sobre os cuidados agrícolas, que me mantinham muito atarefado naquele tempo, de repente me vinha à cabeça uma questão: “Muito bem, você vai ter seis mil dessiatinas de terra na província de Samara, trezentos cavalos, e depois?”. Eu ficava boquiaberto, sem saber o que pensar. Ou, quando começava a pensar em como educava os filhos, dizia a mim mesmo: “Para quê?”. Ou, quando refletia sobre

como o povo pode alcançar o bem-estar, de repente dizia a mim mesmo: “Mas o que eu tenho a ver com isso?”. Ou, quando pensava sobre a fama que minha obra ia me trazer, dizia a mim mesmo: “Muito bem, você será mais famoso que Gógol, Púchkin, Shakespeare, Molière, todos os escritores do mundo... mas e daí?”. E eu não conseguia dar nenhuma resposta.

IV

Minha vida parou. Eu podia respirar, comer, beber, dormir, porque não podia ficar sem respirar, sem comer, sem beber, sem dormir; mas não existia vida, porque não existiam desejos cuja satisfação eu considerasse razoável. Se eu desejava algo, sabia de antemão que, satisfizesse ou não meu desejo, aquilo não daria em nada.

Se uma bruxa aparecesse e se oferecesse para satisfazer os meus desejos, eu não saberia o que pedir. Se em mim, em momentos de embriaguez, não havia desejos, propriamente, mas apenas hábitos de desejos antigos, em momentos de sobriedade eu sabia que aquilo era ilusão, que eu não desejava nada. Nem descobrir a verdade eu conseguia mais desejar, porque já adivinhava o que era. A verdade era que a vida não tem sentido algum.

Parecia que eu tinha vivido e andado para lá e para cá, até chegar à beira de um abismo, e via com clareza que não havia nada na minha frente, a não ser a ruína. E é impossível parar, é impossível voltar, é impossível fechar os olhos e deixar de ver que não existe nada à frente, a não ser a ilusão da vida, da felicidade, os sofrimentos verdadeiros e a morte verdadeira – a aniquilação completa.

A vida me dava enjoo – alguma força indeterminada me seduzia para que eu, de algum modo, me desvencilhasse da vida. Mas não se pode dizer que eu me queria matar.

A força que me atraía para longe da vida era mais poderosa, mais completa do que uma vontade comum. Era uma força parecida com a antiga aspiração de vida, só que voltada no sentido

contrário. Com todas as forças, eu desejava me afastar da vida. A ideia do suicídio me veio de maneira tão natural quanto, antes, me vinham os pensamentos sobre o aperfeiçoamento da vida. Essa ideia era tão sedutora que tive de usar de astúcia contra mim mesmo, a fim de não colocar em prática com demasiada pressa. Não queria me apressar apenas porque desejava empregar todas as minhas energias para clarear a mente! E dizia a mim mesmo que, se não conseguisse, haveria depois tempo de sobra para me matar. E foi então que eu, um homem feliz, retirei uma corda do meu quarto, onde toda noite ficava sozinho para trocar de roupa, a fim de não me enforcar na viga entre os armários, e parei de ir caçar com uma espingarda, para não me seduzir com aquela maneira fácil demais de dar cabo da própria vida. Eu mesmo não sabia o que queria: tinha medo da vida, desejava me livrar dela e, no entanto, ainda esperava dela alguma coisa.

E isso aconteceu comigo na época em que, de todos os lados, eu tinha o que se considera a felicidade perfeita: foi na época em que ainda não contava cinquenta anos de idade. Tinha uma esposa bondosa, amorosa e adorada, filhos bonitos, uma propriedade grande, que crescia e prosperava mesmo sem nenhum trabalho de minha parte. Mais do que nunca, eu era respeitado por pessoas próximas e por conhecidos, elogiado por desconhecidos e, sem nenhum exagero, podia considerar que eu tinha renome. Além disso, não tinha a saúde fraca, nem física nem mental; ao contrário, desfrutava um vigor físico e mental que raramente via em meus contemporâneos: fisicamente, podia trabalhar na ceifa, sem ficar para trás em relação aos mujiques; mentalmente, podia trabalhar durante oito, dez horas seguidas, sem que esse esforço tivesse nenhuma consequência. E foi nessas condições que acabei chegando a um estado em que não conseguia mais viver e, temendo a morte, tive de usar de astúcia contra mim mesmo, a fim de não me privar da vida.

Essa condição espiritual se exprimia, para mim, deste modo: minha vida é alguma brincadeira idiota e maldosa que não sei quem está fazendo comigo. Apesar de não reconhecer a existência de nenhum “não sei quem” que me havia criado, essa forma de representação, a de que alguém tinha feito comigo uma brincadeira maldosa e tola ao me trazer ao mundo, era, para mim, a forma de representação mais natural.

Não podia deixar de imaginar que lá, não sei onde, existia alguém, não sei quem, que agora se divertia olhando para mim, vendo como eu tinha vivido trinta, quarenta anos inteiros, estudando, me desenvolvendo, fazendo crescer o corpo e a mente, e como agora, com a mente fortalecida por inteiro, ao chegar ao ponto culminante da vida, de onde ela se revela inteira – como eu, o tolo dos tolos, estou parado nesse ponto culminante, entendendo com clareza que, na vida, nada existe, existiu ou existirá. “E ele se diverte...”

Porém, existir ou não esse não sei quem que ri de mim não me traz alívio. Não consigo dar nenhum sentido racional a nenhuma ação nem a toda a minha vida. O que me admira é apenas como pude não compreender isso desde o início. Tudo isso já é bastante conhecido há muito tempo. Mais dia, menos dia, virão as doenças, a morte (já chegaram) para as pessoas queridas, para mim, e nada restará, senão o mau cheiro e os vermes. Minhas atividades, sejam quais forem, serão todas esquecidas – mais cedo ou mais tarde, eu também não mais existirei. Então, para que viver atarefado? Como o homem pode enxergar isso e viver – isso é que é de admirar! Só conseguimos viver enquanto estamos embriagados pela vida; mas, quando ficamos sóbrios, é impossível não ver que tudo isso é apenas ilusão, e uma ilusão tola! Na verdade, não há nada aqui de engraçado nem de espirituoso, é apenas cruel e absurdo.

Existe um conto oriental, repetido desde muito tempo, sobre um viajante que foi atacado por um animal feroz, na estepe. Para salvar-se da fera, o viajante pula dentro de um poço seco, mas avista, no fundo, um dragão de goela escancarada para devorá-lo. O infeliz não se atreve a subir para não ser destruído pelo animal feroz, não se atreve a descer ao fundo do poço para não ser devorado pelo dragão, se agarra aos ramos de um arbusto silvestre que cresceu nas fissuras da parede do poço e se pendura ali. As mãos vão perdendo a força e ele sente que terá de se render à morte, que o espera de ambos os lados; no entanto, continua a se segurar e, enquanto se segura, olha para o lado e vê dois ratos, um preto e um branco, que se movem com indiferença em volta do galho em que ele está se segurando, e roem o galho. Dali a pouco, o galho vai ceder e se romper sozinho e ele vai cair na goela do dragão. O viajante vê isso e sabe que será inevitavelmente destruído; mas, por enquanto, se mantém pendurado, procura em volta e acha, nas folhas do arbusto, uma gota de mel, a alcança com a língua e lambe. É assim que me agarro aos galhos da vida, sabendo que me espera, inevitavelmente, o dragão da morte, pronto para me esfaquear, e não consigo entender para que vim parar nesse tormento. E também eu experimento sugar esse mel que antes me consolava; mas esse mel já não me alegra, e o rato branco e o rato preto – o dia e a noite – roem o galho no qual eu me seguro. Porque vejo com clareza o dragão, o mel já não me traz doçura. Vejo só uma coisa – o dragão inevitável e os ratos – e não consigo desviar meus olhos. E isso não é uma lenda, isso é a verdade, inquestionável e entendida por todos.

A antiga ilusão da alegria da vida, que sufocava o horror do dragão, já não me ilude. Por mais que me digam: não somos capazes de entender o sentido da vida, não pense, viva – não consigo fazer isso, porque já fiz isso antes, por muito tempo. Agora, não consigo deixar de ver os dias e as noites, que correm e me levam

para a morte. É só isso que vejo, porque só isso é a verdade. Todo o resto é mentira.

Aquelas duas gotas de mel que, por mais tempo que as outras, desviaram meus olhos da verdade cruel – o amor à família e à escrita, que eu chamava de arte – já não me trazem doçura.

“A família...”, eu dizia a mim mesmo; mas a família são a esposa e os filhos; eles também são gente. Encontram-se nas mesmas condições que eu: devem viver na mentira ou ver a horrível verdade. Para que eles vivem? Para que eu os amo, os educo, os protejo, cuido deles? Para o mesmo desespero que sinto ou para a estupidez! Como amo minha família, não posso esconder deles a verdade – cada passo rumo ao conhecimento os leva na direção dessa verdade. E a verdade é a morte.

“A arte, a poesia?...” Por muito tempo, sob a influência do sucesso e do elogio das pessoas, me persuadi de que esse era o trabalho que podia fazer, apesar da aproximação da morte, que destrói tudo – a mim, meu trabalho, sua memória; mas logo me dei conta de que também isso era ilusão. Ficou claro, para mim, que a arte é um ornamento da vida, é uma isca que nos atrai para ela. Mas se a vida tinha perdido seu atrativo, como eu poderia atrair os outros? Enquanto eu não vivia minha vida e a vida dos outros me arrastava em suas ondas, enquanto eu acreditava que a vida tem sentido, ainda que eu não soubesse exprimi-lo, todos os tipos de reflexos da vida, na poesia e na arte, me traziam alegria, me divertia olhar para a vida nesse espelho da arte; mas quando comecei a procurar o seu sentido, quando eu mesmo senti a necessidade de viver, esse espelho tornou-se ou supérfluo, inútil e ridículo, ou então torturante. Tornou-se impossível, para mim, me consolar com o que via no espelho, ou seja, minha situação era tola e desesperadora. Era bom, para mim, alegrar-me quando, no fundo da alma, eu acreditava que minha vida tinha sentido. Então,

esse jogo de luzes e sombras – do cómico, do trágico, do comovente, do belo, do horroroso na vida – me distraía. Mas quando eu soube que a vida era horrível e sem sentido, o jogo no espelho não podia mais me divertir. Nenhuma doçura desse mel me podia ser doce, quando eu via o dragão e os ratos que roíam meu ponto de apoio.

Mas isso ainda era pouco. Se eu tivesse apenas entendido que a vida não tem sentido, poderia saber disso com tranquilidade, poderia saber que esse é meu destino. Mas eu não conseguia me tranquilizar. Se eu fosse como um homem que vive numa floresta que ele sabe não ter saída, eu poderia viver; no entanto, eu era como um homem que se perdeu numa floresta onde descobriu o horror de ter se perdido, e se agita de um lado para o outro, no intuito de sair para a estrada e sabe que cada passo o faz perder-se mais ainda, e mesmo assim não consegue parar.

Isso é que era horrível. E, para escapar desse horror, eu quis me matar. Eu sentia horror daquilo que me aguardava – sabia que aquele horror era mais horrível do que a própria situação em que eu estava, mas não conseguia rechaçá-lo e também não conseguia, pacientemente, esperar o fim. Por mais convincente que fosse o argumento de que algum vaso ia estourar no coração ou qualquer outra coisa ia rebentar e, de um jeito ou de outro, tudo ia terminar, eu não conseguia, pacientemente, esperar o fim. O pavor das trevas era grande demais e eu queria, quanto antes, livrar-me dele, com uma corda ou com uma bala. E esse era o sentimento, mais forte que tudo, que me arrastava para o suicídio.

V

“Mas quem sabe haja algo que não percebi, algo que não compreendi?”, eu dizia a mim mesmo, algumas vezes. “Será que essa situação de desespero não é inerente às pessoas?” E procurava explicações para minhas perguntas, em todos os saberes que as pessoas adquiriram. Procurei por muito tempo e com grande esforço, e não por alguma curiosidade ociosa; não procurava com indolência, procurava de modo penoso, insistente, dia e noite – procurava como um homem à beira da morte busca uma salvação – e nada achava.

Procurava em todos os saberes e não só não encontrava nada como me convenci de que todos aqueles que, como eu, procuravam nos saberes também nada encontravam. E não só não encontravam como se davam conta, com clareza, de que aquilo mesmo que me levava ao desespero – a ausência de sentido na vida – é o único saber indubitável que o homem pode alcançar.

Eu procurava em toda a parte e, graças a uma vida dedicada ao estudo, e também ao facto de que, em virtude de minhas relações com o mundo dos eruditos, tive acesso aos maiores eruditos das diversas áreas do conhecimento, que não se negaram a abrir para mim todo o seu saber, não só em livros, mas também em conversas – acabei por conhecer tudo o que o saber responde à questão da vida.

Por muito tempo, não consegui acreditar que o saber nada tinha a oferecer às questões da vida, senão aquelas respostas. Por muito tempo, observando a importância e a gravidade do tom da ciência, que sustentava posições que nada tinham em comum com

as questões da vida humana, me parecia que havia ali alguma coisa que eu não entendia. Por muito tempo, me intimidei diante do saber e parecia-me que a falta de correspondência de suas respostas com minhas perguntas não era culpa do saber, mas sim de minha ignorância; porém, para mim, essa questão não era uma diversão, não era um entretenimento, mas a questão de toda a minha vida – uma das poucas questões legítimas, que serviam de fundamento para qualquer saber –, e o culpado não era eu e minhas perguntas, mas a ciência, se tinha mesmo a pretensão de dar resposta àquelas perguntas.

Minha pergunta, aquela que, aos cinquenta anos de idade, me levou à beira do suicídio, era a mais simples que se abriga na alma de todos os homens, desde a criança tola até o velho sábio – uma pergunta sem a qual a vida é impossível, como eu estava comprovando, na prática. A pergunta consiste nisto: “O que vai ser daquilo que faço hoje, daquilo que vou fazer amanhã – o que vai ser de toda a minha vida?”.

Dita de outra maneira, a pergunta seria a seguinte: “Para que devo viver, para que desejar algo, para que fazer algo?”. Ainda de outra maneira, é possível expressar a pergunta assim: “Existe, em minha vida, algum sentido que não seria aniquilado pela morte que me aguarda de modo inevitável?”.

Para essa questão, a mesma e uma só, expressa de formas diferentes, eu buscava uma resposta no saber humano. E descobri que, em relação a essa questão, todos os saberes humanos como que se dividem em dois hemisférios, em cujas pontas opostas se encontram dois polos: um negativo, o outro positivo; mas descobri que nem num polo nem no outro existem respostas para as questões da vida.

Uma série de saberes parece nem reconhecer a existência da questão; em compensação, responde com clareza e exatidão às suas próprias perguntas, formuladas de modo autónomo: é a série

de saberes experimentais, e em seu ponto extremo está a matemática; a outra série de saberes reconhece a questão, mas não lhe dá resposta: é a série de saberes especulativos, e em seu ponto extremo está a metafísica.

Desde minha primeira mocidade, me interessaram os saberes especulativos, mas depois as ciências matemáticas e naturais me atraíram e, enquanto não formulei minha pergunta de maneira clara, enquanto essa pergunta não amadureceu dentro de mim e passou a exigir uma solução verdadeira, até então eu me contentava com as falsificações de respostas a essa pergunta, fornecidas pela ciência.

Ou, no terreno do experimental, eu dizia a mim mesmo: “Tudo se desenvolve, se transforma, marcha para a complexidade e para o aperfeiçoamento, e existem leis que dirigem essa marcha. Somos parte do todo. Quando conhecermos, na medida do possível, o todo, e conhecermos a lei do desenvolvimento, conheceremos também nosso lugar nesse todo e conheceremos a nós mesmos”. Por mais que me envergonhe confessá-lo, houve um tempo em que pareci me contentar com isso. Era justamente o tempo em que eu mesmo me tornava mais complexo e me desenvolvia. Meus músculos cresciam e se fortificavam, a memória se enriquecia, a capacidade de pensamento e entendimento aumentava, eu crescia e me desenvolvia e, sentindo em mim esse crescimento, era natural que pensasse que, de facto, era isso mesmo e que existia uma lei para o mundo todo, na qual eu ia encontrar, também, a solução para as perguntas da minha vida. Chegou o tempo, porém, em que o crescimento em mim cessou – eu sentia que não estava me desenvolvendo, mas sim definhando, os músculos se enfraqueciam, os dentes caíam e vi que aquela lei não só não me explicava nada como vi também que nunca tinha existido tal lei, e nem poderia existir, e que eu tomava por lei algo que encontrei em mim mesmo, em determinada fase da vida. Examinei com mais rigor a

definição daquela lei e ficou claro para mim que as leis do desenvolvimento infinito não podem existir; também ficou claro que dizer “no espaço e no tempo infinitos tudo se desenvolve, se aperfeiçoa, se torna mais complexo, se transforma” é o mesmo que não dizer nada. Tudo isso são palavras sem sentido, pois no infinito não existe nem complexo nem simples, nem frente nem atrás, nem melhor nem pior.

O mais importante é que minha pergunta pessoal, “O que sou eu e o que são meus desejos?”, continuava sem resposta. E compreendi que aqueles saberes eram muito interessantes, muito atraentes, mas que eram precisos e claros de maneira proporcionalmente inversa à sua aplicabilidade às questões da vida: quanto menos eles se aplicavam às questões da vida, mais exatos e mais claros eram; quanto mais tentavam dar soluções às questões da vida, menos claros e menos atraentes se tornavam. Se nos voltamos para o ramo dos saberes que tentam dar solução às questões da vida – a fisiologia, a psicologia, a biologia, a sociologia –, encontramos aí uma chocante pobreza de pensamento, uma suprema falta de clareza, uma pretensão em nada justificada para dar soluções a questões fora de sua competência, além de incessantes contradições entre um pensador e os outros, e até entre um pensador e si mesmo. Se nos voltamos para o ramo dos saberes que não se ocupam com a solução das questões da vida, mas que respondem a suas próprias questões científicas e específicas, nos admiramos com a força da inteligência humana, mas sabemos de antemão que não há, aí, respostas para as questões da vida. Esses saberes ignoram abertamente as questões da vida. Eles dizem: “Para as perguntas ‘o que você é’ e ‘para que você vive’, não temos respostas e não tratamos desse assunto; mas se você precisa conhecer as leis da luz, da composição química, as leis do desenvolvimento dos organismos, se precisa saber as leis dos corpos, suas formas e a relação dos números com as grandezas, se precisa saber as leis da

sua razão, então para tudo isso temos respostas claras, precisas e inquestionáveis”.

A atitude geral das ciências experimentais, com respeito à questão da vida, pode ser expressa assim: Pergunta: Para que eu vivo? Resposta: No grande espaço infinito, no longo tempo infinito, partículas infinitamente pequenas se transformam e se tornam infinitamente complexas e, quando você entender as leis dessas transformações, entenderá para que você vive.

No domínio especulativo, eu dizia a mim mesmo: “Toda a humanidade vive e se desenvolve com base nos princípios espirituais, nos ideais que a guiam. Esses ideais se exprimem nas religiões, nas ciências, nas artes, nas formas de governo. Todos esses ideais se tornam cada vez mais elevados e a humanidade caminha rumo ao bem supremo. Eu sou parte da humanidade e, por isso, minha vocação consiste em promover a consciência e a realização dos ideais da humanidade”. E eu, no tempo de minha fraqueza mental, me contentava com isso; porém, tão logo a questão da vida se insurgiu com clareza dentro de mim, toda essa teoria instantaneamente ruiu. Sem falar na imprecisão inescrupulosa com que os saberes desse tipo revelam descobertas feitas em pesquisas com uma pequena parte da humanidade como se fossem descobertas gerais, sem falar na incoerência mútua entre diversos partidários dessa opinião em torno da questão de quais seriam os ideais da humanidade – o estranho, para não dizer o absurdo, dessa opinião é que, para responder à pergunta que se apresenta a todo ser humano (“O que eu sou?”, ou “Para que eu vivo?”, ou “O que devo fazer?”), é preciso, antes, que o homem solucione a pergunta: “O que é a vida de toda a humanidade, que ele desconhece, e da qual ele conhece apenas uma parte minúscula, num minúsculo período de tempo?”. A fim de entender o que ele é, o homem precisa, antes, entender o que é toda essa misteriosa humanidade,

formada por pessoas iguais a ele e que, também como ele, não entendem a si mesmas.

É preciso confessar que houve um tempo em que eu acreditava nisso. Era o tempo em que eu tinha meus ideais favoritos, que justificavam meus caprichos, e eu tentava inventar uma teoria pela qual pudesse ver meus caprichos como se fossem uma lei da humanidade. Porém, tão logo a questão da vida se insurgiu em minha alma com toda clareza, aquela resposta logo se desfez em pó. E entendi que nas ciências experimentais existem ciências verdadeiras e semiciências, que tentam dar respostas a perguntas que não são de sua competência. Assim, compreendi que, nesse domínio, existe toda uma série de saberes muitíssimo difundidos que tentam responder a perguntas fora de sua competência. As semiciências desse domínio – as ciências jurídicas, sociais, históricas – tentam resolver as questões de um homem do mesmo modo como, imaginariamente, e cada uma à sua maneira, resolvem a questão da vida de toda a humanidade.

No entanto, assim como no domínio dos saberes experimentais o homem que sinceramente se pergunta como deve viver não pode se contentar com a resposta “estude as infinitas complexidades da mudança das partículas infinitas no tempo e no espaço infinito e então você entenderá sua vida”, assim também um homem sincero não pode se contentar com a resposta “estude a vida de toda a humanidade, da qual não podemos conhecer nem o início nem o fim e da qual não conhecemos nem uma pequena parte, e então você entenderá sua vida”. E é também exatamente assim que ocorre nas semiciências experimentais, e essas semiciências são tanto mais repletas de obscuridade, imprecisão, tolice e contradição quanto mais se afastam de suas tarefas. A tarefa da ciência experimental é a sequência causal dos fenômenos materiais. Basta que uma ciência experimental depare com uma questão so-

bre uma causa final para que resulte um absurdo. A tarefa da ciência especulativa é conhecer a essência sem causa da vida. Basta ela deparar com uma investigação de fenómenos causais, como os fenómenos sociais, históricos, para que resulte um absurdo.

A ciência experimental, portanto, só produz um conhecimento positivo e revela a grande inteligência humana quando, em sua investigação, não entra nas causas finais. E, por outro lado, a ciência especulativa revela a grande inteligência humana quando se livra por completo das questões da sequência dos fenómenos causais e examina o homem apenas em relação à causa final. Nesse domínio, a ciência que ocupa o polo desse hemisfério é a metafísica, ou a filosofia especulativa. Essa ciência formula com clareza a questão: “O que sou eu e o que é o mundo? Para que existo e para que existe o mundo?”. E, desde que ela existe, responde da mesma forma: quer o filósofo diga que a essência da vida são as ideias ou a substância ou o espírito ou a vontade, ela se encontra dentro de mim e em todo o ser, e o filósofo diz sempre que essa essência existe e que eu sou essa essência; mas para qual finalidade ela existe, isso não sabe e não responde, se for um pensador correto. Pergunto: para que existe essa essência? O que resulta do facto de que ela existe e de que existirá? E a filosofia não só não responde como ela mesma também pergunta isso. E, caso seja uma filosofia verdadeira, então todo o seu trabalho só consiste em formular com clareza essa pergunta. E, caso ela persista com firmeza em sua tarefa, não poderá responder de outro modo à pergunta “O que eu sou e o que é o mundo?”: “Tudo e nada”. E à pergunta “Para que o mundo existe e para que eu existo?”: “Não sei”. Desse modo, por mais que eu virasse e revirasse as respostas especulativas da filosofia, não obtinha nada parecido com uma resposta – e não porque, como no domínio claro, experimental, a resposta não tinha relação com minha pergunta, mas sim porque,

embora todo o trabalho intelectual estivesse direccionado exactamente para minha pergunta, não há resposta e, em lugar de resposta, recebe-se de volta a mesma pergunta, apenas numa forma complicada.

VI

Nas buscas por respostas para a questão da vida, experimentei exatamente o mesmo sentimento que um homem experimenta na floresta.

Saí numa clareira, subi numa árvore e vi claramente o espaço infinito, mas vi que lá não há nenhuma casa, nem pode haver; fui para a mata fechada, para a escuridão, e vi a escuridão, e lá também não havia nenhuma casa.

Desse modo, vaguei pela floresta dos saberes humanos, entre os raios de luz dos saberes matemáticos e experimentais, que desvelavam para mim horizontes claros, mas em cuja direção não podia haver nenhuma casa, e vaguei entre a escuridão dos saberes especulativos, na qual, quanto mais eu avançava, mais afundava, até que por fim me convenci de que não havia saída nem podia haver.

Ao me entregar ao lado luminoso do saber, entendi que eu apenas estava desviando os olhos da pergunta. Por mais claros e atraentes que fossem os horizontes que se desvelavam para mim, por mais atraente que fosse imergir no infinito desses saberes, eu já entendia que eles, aqueles saberes, quanto mais claros, menos necessários eram para mim, menos respondiam à pergunta.

Ora, eu sei – eu dizia a mim mesmo – o que a ciência deseja saber com tanta obstinação, mas a resposta para a questão sobre o sentido de minha vida não está nesse caminho. No domínio especulativo, entendi que, apesar de – ou justamente por isso – o objetivo do saber estar declaradamente direcionado para a resposta à minha pergunta, não havia ali outra resposta senão aquela que eu

mesmo me dava: Qual é o sentido de minha vida? Nenhum. Ou: O que vai ser da minha vida? Nada. Ou: Para que existe tudo o que existe e para que eu existo? Para existir.

Ao perguntar a um lado dos saberes humanos, eu recebia uma quantidade infinita de respostas exatas sobre aquilo que eu não estava perguntando: a composição química das estrelas, o movimento do sol rumo à constelação de Hércules, a origem das espécies e do homem, as formas dos átomos infinitamente pequenos, a flutuação das partículas infinitamente pequenas e imponderáveis do éter; mas, nesse domínio dos saberes, a resposta à minha pergunta: “Qual é o sentido de minha vida?”, era só uma: “Você é aquilo que você chama de sua vida, você é um aglomerado acidental e temporário de partículas. A modificação e a influência recíproca dessas partículas produzem em você aquilo que você chama de vida. Esse aglomerado se sustenta por algum tempo; depois, a ação recíproca dessas partículas cessa – e cessa também aquilo que é chamado de vida, e cessam também todas as suas perguntas. Você é uma bolinha de alguma coisa que se formou por acaso. A bolinha apodrece. O apodrecimento dessa bolinha é o que chamamos de vida. A bolinha pula para lá e para cá – e termina no apodrecimento, bem como todas as perguntas”. Assim responde o lado claro dos saberes e, se obedece com rigor às próprias palavras, não é capaz de dizer mais nada.

Em face de tal resposta, porém, se demonstra que ela não responde à pergunta. Preciso saber o sentido de minha vida, e o facto de minha vida ser uma partícula do infinito não só não lhe dá sentido como destrói qualquer possibilidade de sentido.

Mesmo os acordos obscuros feitos pelo lado experimental, entre o saber exato e o especulativo, nos quais se diz que o sentido da vida consiste no desenvolvimento e na colaboração com esse desenvolvimento, também não podem ser considerados respostas, por sua imperfeição e obscuridade.

O outro lado do saber, o especulativo, quando obedece com rigor a seus fundamentos, respondendo diretamente à pergunta, em toda a parte e em todos os séculos, respondeu e responde a mesma coisa: o mundo é algo infinito e incompreensível. A vida humana é uma parte inconcebível desse “todo” inconcebível. De novo, deixo de lado todos esses acordos entre os saberes especulativos e os saberes experimentais, que constituem todo o lastro das semiciências, chamadas jurídicas, políticas, históricas. Nessas ciências, os conceitos de desenvolvimento e de aperfeiçoamento são introduzidos, também, de modo errado, apenas com a diferença de que lá se trata do desenvolvimento de tudo, e aqui, do desenvolvimento da vida das pessoas. O erro é o mesmo: o desenvolvimento e o aperfeiçoamento, no infinito, não podem ter objetivo nem direção e, com relação à minha pergunta, nada é respondido.

Ali onde o saber especulativo é exato, justamente na filosofia verdadeira, não naquela que Schopenhauer chamava de filosofia professoral, que só servia para distribuir todos os fenômenos que existem em novas rubricas filosóficas e chamá-las por nomes novos – ali onde o filósofo não perde de vista a pergunta essencial, a resposta é sempre a mesma, a resposta dada por Sócrates, Schopenhauer, Salomão, Buda.

“Só nos aproximamos da verdade na medida em que nos afastamos da vida”, diz Sócrates, ao se preparar para a morte. “Para que nós, que amamos a verdade, aspiramos à vida? Para livrar-nos do corpo e de todo o mal que emana da vida do corpo. Se é assim, como não nos alegrarmos quando a morte se aproxima de nós?”

“O sábio, durante toda a vida, busca a morte e por isso a morte, para ele, não é terrível.”

“Ao admitir que a vontade é a essência intrínseca do mundo”, diz Schopenhauer, “ao admitir que, em todos os fenômenos, desde

a aspiração inconsciente das forças sombrias da natureza até a plena consciência da atividade do homem, existe apenas a objetivação da vontade, não vamos nos esquivar de maneira nenhuma da conclusão de que todos esses fenómenos vão desaparecer junto com a livre negação e a autodestruição da vontade. Vão desaparecer a constante aspiração e o ímpeto sem objetivo e sem repouso, em que e pelo que o mundo se constitui, em todos os níveis de objetivação, vai desaparecer a diversidade de formas coerentes e, junto com a forma, vão desaparecer todos os seus fenómenos, com suas formas gerais, o espaço e o tempo e, por fim, o último fundamento de sua forma – o sujeito e o objeto. Não existe vontade, não existe representação, não existe mundo. Diante de nós, por fim, resta apenas o nada. Mas aquilo que se contrapõe a essa transição para o nada, nossa natureza, é, portanto, apenas essa mesma vontade de existência (*Wille zum Leben*), que constitui a nós mesmos, assim como nosso mundo. O facto de termos tanto pavor do nada ou, o que é o mesmo, de desejarmos tanto viver, significa apenas que nós mesmos não somos outra coisa que não essa vontade de vida, e que não conhecemos nada senão isso. Portanto, com o completo aniquilamento da vontade, o que resta para nós, que ainda estamos cheios de vontade, é, enfim, o nada; porém, ao contrário, para aqueles em quem a vontade foi transformada e suprimida, este nosso mundo tão real, com todos os seus sóis e suas vias lácteas, é nada.”

“Vaidade das vaidades”, diz Salomão, “vaidade das vaidades, tudo é vaidade! Que proveito tira o homem de todo trabalho com que se afadiga debaixo do sol? Uma geração vai, uma geração vem e a terra sempre permanece. O que foi, será; o que se fez, se tornará a fazer; e não há nada de novo debaixo do sol. Mesmo que digam de algo: ‘Veja, isto é novo’, eis que já sucedeu em outros tempos, muito antes de nós. Ninguém se lembra dos antepassados e também aqueles que os sucederão não serão lembrados pelos

que virão depois. Eu, o Pregador, fui rei de Israel em Jerusalém. E dediquei meu coração a investigar e explorar com sabedoria tudo o que se faz debaixo do céu: Deus deu essa tarefa árdua aos filhos humanos para que se exercitassem. Vi todas as obras que se faz debaixo do sol e eis que tudo é vaidade e agitação do espírito... Pensei comigo: aqui estou com tanta sabedoria acumulada que ultrapassa a de meus antecessores em Jerusalém; minha mente alcançou muita sabedoria e conhecimento. Dediquei todo o coração a compreender a sabedoria e o conhecimento e a conhecer a tolice e a loucura, e compreendi que tudo isso também é agitação do espírito. Porque em muita sabedoria há muito sofrimento; e quem multiplica o conhecimento multiplica o desgosto.

“Eu disse a mim mesmo: vá e experimente a alegria e desfrute a felicidade; mas isso também é vaidade. Do riso, eu disse: ‘Tolice’, e da alegria: ‘Para que serve?’. Ponderei seriamente deliciar meu corpo com vinho, mantendo meu coração sob a influência da sabedoria, e render-me à insensatez para averiguar o que convém ao homem fazer, debaixo do céu, durante os dias contados de sua vida. Fiz obras magníficas, construí palácios para mim, plantei vinhedos, fiz jardins e parques onde plantei árvores frutíferas de toda espécie. Construí reservatórios de água para regar as árvores novas do bosque. Adquiri escravos e escravas, tinha criadagem e possuía muitos rebanhos de vacas e ovelhas, mais do que meus predecessores em Jerusalém. Acumulei prata e ouro, as riquezas dos reis e das províncias. Escolhi cantores e cantoras e todas as delícias dos homens, toda a abundância dos cofres. Fiz-me maior e mais rico do que todos os que me precederam em Jerusalém, e a sabedoria permanecia junto a mim. Tudo que os olhos me pediam, nada recusei, nem privei meu coração de alegria nenhuma. Então examinei todas as obras de minhas mãos e o trabalho que me custou realizá-las, e eis que tudo era vaidade e agitação do espírito e nada havia nelas de proveitoso, debaixo do sol. Pus-me,

então, a examinar a sabedoria, a tolice e a insensatez. Porém compreendi que todos terão a mesma sorte. Por isso disse a mim mesmo: a sorte do tolo será também a minha; para que então me tornei sábio? E disse a mim mesmo: isso também é vaidade. Não há lembrança durável do sábio nem do tolo, pois nos anos vindouros tudo será esquecido: o sábio morre da mesma forma que o tolo. E detestei a vida, porque os trabalhos feitos debaixo do sol se tornaram repulsivos para mim, pois tudo é vaidade e agitação do espírito. E detestei todo o meu trabalho, com que me afadiguei debaixo do sol, porque devo deixá-lo para o homem que virá depois de mim. Pois o que irá obter o homem de todo seu trabalho e das preocupações de seu coração, com que se afadigou debaixo do sol? Pois todos seus dias são penosos e seus trabalhos são aflitivos; nem de noite seu coração conhece repouso. E isso é vaidade. Não está em poder do homem outro bem senão comer, beber e desfrutar o fruto de seu trabalho...

“Todos têm o mesmo destino, tanto o justo como o ímpio, o bom como o mau, o puro como o impuro, o que faz sacrifícios como o que não faz; o bom é como o pecador, o que jura é como o que evita o juramento. Este é o mal que existe em tudo que se faz debaixo do sol: o mesmo destino cabe a todos. O coração dos homens está cheio de maldade; enquanto vivem, seu coração está cheio de tolice, e seu fim é junto aos mortos. Ainda há esperança para quem está ligado a todos os vivos, e um cão vivo vale mais do que um leão morto. Os vivos sabem que vão morrer, os mortos, porém, nada sabem e já não terão recompensa, pois sua memória cairá no esquecimento. Seu amor, seu ódio, sua inveja já desapareceram e eles nunca mais terão participação no que se faz debaixo do sol.”

Assim diz Salomão, ou quem escreveu essas palavras. E eis o que diz um sábio indiano: Sákia Múni, um jovem príncipe feliz, do qual escondiam as doenças, a velhice e a morte, sai para dar

um passeio e vê um velho horrível, desdentado e babão. O príncipe, de quem até então escondiam a velhice, fica espantado e pergunta ao cocheiro o que é aquilo e por que aquele homem havia chegado a tal condição lamentável, repugnante e disforme. E quando fica sabendo que esse é o destino geral de todas as pessoas, que a ele, o jovem príncipe, aguarda inevitavelmente o mesmo destino, já não consegue prosseguir o passeio e manda que o cocheiro volte, a fim de pensar sobre o assunto. E se tranca sozinho e reflete. É possível que tenha inventado para si algum consolo, porque de novo sai para passear, alegre e feliz. Mas dessa vez encontra um doente. Vê um homem muito magro, azulado, trêmulo, de olhos turvos. O príncipe, de quem escondiam as doenças, se detém e pergunta o que é aquilo. E quando fica sabendo que aquilo é a doença, que atinge todas as pessoas, e que ele mesmo, o príncipe saudável e feliz, no dia seguinte poderia também ficar doente, mais uma vez não tem coragem de continuar se divertindo, manda voltar e, de novo, procura um conforto e provavelmente o encontra, porque pela terceira vez sai para passear. Mas, na terceira vez, vê um espetáculo novo: vê que estão carregando algo. “O que é isso?” É um morto. “O que quer dizer ‘morto’?”, pergunta o príncipe. Respondem que se transformar num morto significa aquilo que aconteceu com aquele homem. O príncipe se aproxima do morto, o descobre e olha para ele. “E o que mais vai acontecer com ele?”, pergunta o príncipe. Respondem que será sepultado de baixo da terra. “Porquê?” Porque ele, seguramente, já não será nunca mais um vivo e dele só sairão vermes e mau cheiro. “E esse é o destino de todas as pessoas? Comigo também vai acontecer isso? Vão me enterrar e de mim vão sair mau cheiro e vermes?” Sim. “Volte! Nunca mais vou sair para passear.”

E Sákia Múni não conseguiu encontrar consolo na vida e resolveu que a vida é uma grandiosa crueldade e empregou todas as

energias da alma para livrar-se dela e também para livrar os outros da vida. E livrar-se de tal modo que, mesmo depois da morte, a vida não se renovasse de nenhuma forma e fosse aniquilada por completo, na raiz. É isso que diz toda a sabedoria da Índia.

Aqui estão as respostas diretas que a sabedoria humana dá quando responde à questão da vida.

“A vida do corpo é maldade e mentira. Por isso, a aniquilação dessa vida do corpo é um bem e devemos desejá-la”, diz Sócrates.

“A vida é o que tem de ser; o mal, e a passagem para o nada, é o único bem da vida”, diz Schopenhauer.

“Tudo no mundo – a tolice, a sabedoria, a riqueza, a indigência, a alegria, o desgosto –, tudo é vaidade e futilidade. O homem morrerá e nada sobrará. E isso é absurdo”, diz Salomão.

“Viver com a consciência do sofrimento, da fraqueza, da velhice e da morte é impossível; é preciso libertar-se da vida, de toda possibilidade de viver”, diz Buda.

E isso que declararam essas mentes poderosas e também disseram, pensaram e sentiram milhões e milhões de pessoas semelhantes a elas. E sinto e penso eu também.

Portanto, minha incursão nos saberes não só não me resgatou de meu desespero como apenas serviu para reforçá-lo. Um saber não respondeu à questão da vida, outro saber respondeu, justificando diretamente meu desespero e indicando que aquilo a que eu havia chegado não era fruto de minha ilusão, de uma condição enferma da mente – ao contrário, me assegurou que eu estava pensando de forma correta e em conformidade com as inteligências mais poderosas da humanidade.

Não havia engano. Tudo é vaidade. Feliz quem não nasceu, a morte é melhor que a vida; é preciso livrar-se da vida.

VII

Sem encontrar esclarecimento no saber, passei a procurar esclarecimento na vida, esperando encontrá-lo nas pessoas que me rodeavam, e passei a observar as pessoas semelhantes a mim, ver como viviam à minha volta e como se relacionavam com a questão que me levou ao desespero.

E aqui está o que descobri, nas pessoas que, pela instrução e pela forma de viver, se encontram na mesma situação que eu.

Descobri que, para as pessoas de meu círculo, existem quatro saídas para a situação terrível na qual todos nós nos encontramos.

A primeira saída é a ignorância. Consiste em não saber, não entender que a vida é crueldade e absurdo. As pessoas desse grupo – em grande parte mulheres, ou pessoas muito jovens ou muito tolas – ainda não entenderam a questão da vida apresentada a Schopenhauer, Salomão e Buda. Elas não veem nem o dragão que as aguarda nem os ratos que roem o galho em que elas se penduram, e ficam lambendo as gotas de mel. Mas lambem essas gotas de mel só por um tempo: algo volta sua atenção para o dragão e para os ratos e, então, é o fim de suas lambidas. Com elas, não tenho nada que aprender, e é impossível deixar de saber o que sei.

A segunda saída é a saída epicurista. Consiste em, conhecendo o desespero da vida, aproveitar os bens que existem por enquanto, sem olhar para o dragão nem para os ratos, e lamber o mel da melhor forma possível, especialmente se no galho houver muito mel. Salomão exprime essa saída da seguinte forma:

“E louvei a alegria, porque não há nada melhor para o homem, debaixo do sol, do que comer e beber e divertir-se: isso o acompanha nos trabalhos dos dias de sua vida, que Deus lhe deu, debaixo do sol.

“Portanto, vá e coma seu pão com alegria e beba seu vinho na alegria do coração... Delicie-se com a vida, com a mulher que você ama, em todos os dias de sua vida vã, em todos os seus dias vãos, porque esse é seu quinhão na vida e em seus trabalhos, com os quais você se afadiga, debaixo do sol... Tudo o que sua mão pode fazer com esforço, faça, porque, no túmulo para onde você irá, não há nem trabalho nem pensamento nem conhecimento nem sabedoria.”

Essa segunda saída é adotada pela maior parte das pessoas de nosso círculo. As condições em que elas se encontram fazem que tenham mais benefícios do que desgostos, e o torpor moral lhes dá a possibilidade de esquecer que a vantagem de sua situação é acidental, que é impossível que todos tenham mil mulheres e palácios, como Salomão, que para cada homem com mil mulheres existem mil pessoas sem esposa e que, para cada palácio, existem mil pessoas que os construíram com o suor do rosto, e que o acidente que hoje faz de mim um Salomão amanhã pode fazer de mim um escravo de Salomão. O mesmo torpor da imaginação dessas pessoas lhes dá a possibilidade de esquecer aquilo que não dava sossego para Buda – a inevitabilidade da doença, do sofrimento e da morte, que, mais dia, menos dia, destruirá todo esse prazer.

O que algumas dessas pessoas afirmam, que o torpor de seu pensamento e de sua imaginação é a filosofia que chamam de positiva, não as distingue, no meu modo de ver, do grupo daquelas que, sem ver uma resposta, lambem o mel. E a essas pessoas não posso imitar: como não tenho seu torpor de imaginação, não consigo produzir, em mim, seu artifício. Não consigo desviar os olhos

dos ratos e do dragão, como nenhum homem vivo consegue, depois que os vê pela primeira vez.

A terceira é a saída da força e da energia. Consiste em, uma vez compreendido que a vida é crueldade e absurdo, aniquilar a vida. Assim agem as raras pessoas fortes e coerentes. Uma vez compreendida toda a estupidez da brincadeira que fizeram conosco, e compreendido que o benefício dos que morrem é maior que o benefício dos que vivem, e que o melhor de tudo é não existir, assim agem também, e dão cabo de uma vez dessa brincadeira tola, por qualquer meio que tiverem à mão: uma corda no pescoço, a água, uma faca para furar o coração, jogar-se nos trilhos do trem. E as pessoas de nosso círculo que agem assim são em número cada vez maior. E as pessoas agem assim, em grande parte, no melhor período da vida, quando as forças do espírito se encontram no auge e a mente humana adotou ainda poucos hábitos degradantes.

Vi que essa é a saída mais digna e quis também agir assim.

A quarta saída é a da fraqueza. Consiste em, uma vez compreendidos o absurdo e a crueldade da vida, continuar arrastando a vida, sabendo de antemão que ela não pode dar em nada. As pessoas que adotam essa saída sabem que morrer é melhor que viver, mas, como não têm forças para agir de maneira racional — pôr fim à ilusão, quanto antes, e matar-se —, parecem ficar esperando algo. Essa é a saída da fraqueza, pois, se sei o que é melhor e isso está a meu alcance, por que não me render ao que é melhor? Eu me encontrava nesse grupo.

Assim, as pessoas da minha categoria se salvavam da horrível contradição por quatro caminhos. Por mais que eu empenhasse minha atenção mental, não via nada diferente dessas quatro saídas. Uma saída: não entender que a vida é absurdo, vaidade e crueldade e que o melhor é não viver. Eu não podia deixar de saber disso e, uma vez que sabia, não podia fechar os olhos. Outra saída:

aproveitar a vida como ela é, sem pensar no futuro. E isso eu não podia fazer. A exemplo de Sákia Múni, eu não podia sair para passear, uma vez que sabia da existência do sofrimento, da velhice e da morte. Eu tinha uma imaginação muito viva. Além do mais, não podia me alegrar com o acaso momentâneo que punha um prazer passageiro em meu caminho. Terceira saída: uma vez compreendido que a vida é crueldade e absurdo, dar um basta, matar-se.

Eu entendia isso, mas, por alguma razão, ainda não me matava. Quarta saída: viver na situação de Salomão e Schopenhauer, saber que a vida é uma brincadeira tola que fizeram comigo e, mesmo assim, continuar a viver, lavar-me, trocar de roupa, almoçar, falar e até escrever livros. Para mim, isso era repulsivo, torturante, mas eu permanecia nessa situação.

Agora vejo que, se não me matei, o motivo foi uma vaga consciência da falsidade de meus pensamentos. Por mais convincente e incontestável que me parecesse o rumo de meu pensamento, e dos pensamentos dos sábios que nos levaram a admitir que a vida era um absurdo, restava em mim, sobre a verdade do ponto de partida de meu raciocínio, uma dúvida obscura.

E a dúvida era a seguinte. Eu, minha razão, admitia que a vida era irracional. Se não existe nada acima da razão (e não existe, e nada demonstra que possa existir), então a razão é a criadora da vida, para mim. Se não houvesse razão, também não existiria vida, para mim. Como pode essa razão negar a vida, se ela mesma é a criadora da vida? Ou, de outro ângulo: se não houvesse vida, minha razão também não existiria – portanto, a razão é filha da vida. A vida é tudo. A razão é o fruto da vida e essa razão nega a própria vida. Senti que havia nisso algo fora do lugar.

A vida é cruelmente absurda, isso é indubitável – eu dizia a mim mesmo. Mas eu vivia, ainda vivo, e toda a humanidade viveu e vive. Como pode ser assim? Para que a humanidade vive,

quando pode não viver? Só Schopenhauer e eu, então, somos tão inteligentes que compreendemos o absurdo e a crueldade da vida?

O argumento sobre a vaidade da vida não é tão astuto assim, todas as pessoas mais simples há muito tempo defendem esse argumento e viveram e continuam a viver. Como podem todas elas viver sem nunca pensar em duvidar da razão da vida?

Meu saber, a consagrada sabedoria dos sábios, revelou que tudo no mundo – orgânico e inorgânico – está organizado de forma extraordinariamente inteligente; só a minha situação é tola. E esses tolos – a enorme massa das pessoas simples – não sabem nada a respeito de como tudo, orgânico e inorgânico, está organizado no mundo, e vivem e lhes parece que sua vida está organizada de modo muito razoável!

E então me veio à cabeça: será que existe algo que ainda não sei? Afinal, é assim que a ignorância age. Afinal, a ignorância sempre diz isso mesmo. Quando não sabe algo, diz que aquilo que ela desconhece é uma tolice. De facto, a questão é que existe uma humanidade inteira que viveu e vive como se tivesse compreendido o sentido de sua vida, pois, sem compreender isso, ela não poderia viver, enquanto eu digo que toda essa vida é absurda e que não posso viver.

Ninguém nos impede de negar a vida, como Schopenhauer. Pois então mate-se de uma vez, e não vai mais pensar. Se não gosta da vida, mate-se. E se vive sem conseguir entender o sentido da vida, então dê um basta na vida e não fique para lá e para cá, na vida, falando e escrevendo que não compreende a vida. Você encontrou uma alegre companhia, para eles está tudo bem, todos sabem o que fazem, mas se você sente tédio e nojo, então vá embora.

Afinal de contas, se estamos convencidos da necessidade do suicídio e não nos decidimos a executá-lo, o que somos nós, senão os mais fracos, inconsequentes e, para dizer de maneira simples,

as pessoas mais tolas, que se apegam à sua tolice e ficam alardeando palavatório vazio?

Afinal, nossa sabedoria, por mais fidedigna que seja, não nos trouxe o conhecimento do sentido de nossa vida. E toda a humanidade, que faz a vida, milhões e milhões de pessoas, não duvida do sentido da vida.

De facto, desde os tempos mais remotos, desde quando existe a vida da qual tenho alguma notícia, as pessoas vivem e conhecem o argumento sobre a vaidade da vida, argumento que me comprovou o absurdo dela, e mesmo assim viveram, atribuindo a isso algum sentido. Desde quando começou alguma vida para as pessoas, elas já tinham esse sentido, e assim levaram essa vida adiante, até chegarem a mim. Tudo que existe em mim e em torno de mim, tudo isso é fruto do conhecimento da vida dessas pessoas. Os mesmos instrumentos do pensamento com que discuto essa vida e a condeno, tudo isso não foi feito por outros que não essas mesmas pessoas. Eu mesmo nasci, me criei e cresci graças a elas. Foram elas que desenterraram o ferro, aprenderam a cortar madeira, domesticaram as vacas, os cavalos, aprenderam a semear, aprenderam a viver juntas, organizaram nossa vida; me ensinaram a pensar, a falar. E eu sou uma criação delas, fui amamentado, nutrido e educado por elas, pensei com as palavras e com os pensamentos delas, e agora lhes mostrei que eles são... bobagens! “Há algo errado, aqui”, disse a mim mesmo. “Em algum ponto, me enganei.” Mas onde estava o erro, eu não conseguia descobrir de jeito nenhum.

VIII

Todas essas dúvidas, que agora estou em condições de expressar de modo mais ou menos claro, naquela ocasião não conseguia expressar. Na época, apenas sentia que, por mais que minhas saídas para a vaidade da vida fossem logicamente inevitáveis, e ratificadas por grandes pensadores, nelas havia algo fora do lugar. Se era no próprio raciocínio ou na formulação da pergunta, eu não sabia; apenas sentia que a argumentação racional era perfeita, mas que isso ainda era pouco. Todas aquelas saídas não eram capazes de me convencer a fazer aquilo que se concluía de meus raciocínios, ou seja, que eu devia me matar. E eu estaria mentindo se dissesse que foi por meio da razão que alcancei a conclusão a que cheguei, e não me matei. A razão trabalhava, no entanto, trabalhava também outra coisa, que não posso chamar senão de consciência da vida. Também trabalhava essa força que me obrigava a voltar a atenção para uma coisa em vez de outra, e essa força, seja lá o que for, me retirou de minha situação desesperada e guiou a razão de um modo em tudo diferente. Tal força me obrigava a voltar a atenção para o facto de que eu, como centenas de pessoas semelhantes a mim, não sou a humanidade toda, e que eu ainda não conheço a vida da humanidade.

Observando o estreito círculo das pessoas de minha classe, só via pessoas que não entendiam a questão, que a compreendiam e afogavam a questão na embriaguez da vida, que tinham compreendido a questão e punham um fim na vida, e que tinham compreendido a questão e, por fraqueza, continuavam numa vida desesperada. E eu não via nenhuma outra saída. Parecia-me que esse

círculo estreito de pessoas ricas, cultas, ociosas, a que eu pertencia, constituía a humanidade inteira e que os milhões de pessoas que tinham vivido e vivem eram como gado, e não gente.

Por mais que agora me pareça estranho, inacreditável e incompreensível que eu tenha sido capaz de, enquanto refletia sobre a vida, examinar a vida da humanidade que me rodeava por todos os lados e não enxergar a que ponto é ridículo me deixar enganar desse modo e pensar que minha vida, a vida de Salomão e de Schopenhauer é a vida real, normal, e que a vida de milhões não passa de uma circunstância que não merece atenção – por mais estranho que isso me pareça agora, assim aconteceu, de facto. Na ilusão do orgulho de minha mente, me parecia tão inquestionável que eu, Salomão e Schopenhauer havíamos colocado a questão de modo fidedigno e verdadeiro que não poderia ser diferente, e me parecia tão inquestionável que todos aqueles milhões de pessoas pertenciam aos que ainda não tinham alcançado toda a profundidade da questão que, enquanto eu procurava o sentido de minha vida, nem uma vez parei para pensar: “Que sentido dão e deram à sua vida os milhões que viveram e vivem no mundo?”.

Por muito tempo, vivi nessa loucura, especialmente peculiar – senão em palavras, ao menos em atos – às pessoas liberais e cultas. No entanto, graças ao meu estranho e instintivo amor ao verdadeiro povo trabalhador, que me obrigou a entendê-lo e a ver que ele não é tão tolo como pensamos, ou graças à sinceridade de minha crença de que não sou capaz de descobrir nada melhor para fazer do que me enforçar, pressenti que, se quero viver e entender o sentido da vida, preciso buscar esse sentido não naqueles que o perderam e querem se matar, mas sim nos milhões de pessoas que viveram no passado e vivem hoje, que fazem a vida e carregam sobre si a sua e a nossa vida. E olhei em volta para a enorme massa de pessoas simples que viveram e que vivem, que não são cultas nem ricas, e vi algo muito diferente. Vi que todos esses milhões

de pessoas que viveram e que vivem, todas, com raras exceções que não se encaixam na minha categoria, vi que não posso admitir que elas não entendem a questão, porque elas mesmas a formulam e lhe respondem com extraordinária clareza. Também não posso admitir que elas sejam epicuristas, porque sua vida é feita mais de penúria e sofrimento que de prazer; ainda menos posso admitir que elas sejam pessoas que, illogicamente, levam uma vida absurda, pois todos os atos de sua vida, e até sua morte, são explicados por elas mesmas. Matar-se, elas consideram um grande mal. Ficou claro que toda a humanidade tem algum conhecimento do sentido da vida, não reconhecido e desprezado por mim. Decorre daí que o saber racional não fornece o sentido da vida, ele a exclui; e o sentido atribuído à vida por milhões de pessoas, por toda a humanidade, se fundamenta em um saber falso e desprezado.

O saber racional, na pessoa dos sábios e cultos, nega o sentido da vida, enquanto a enorme massa de pessoas, a humanidade inteira, reconhece esse sentido num saber irracional. E esse saber irracional é a fé, a mesma que eu não podia aceitar. Esse Deus trino, essa criação em seis dias, os demónios e os anjos e tudo isso que não posso admitir, a menos que me transforme num louco.

Minha situação era horrível. Eu sabia que nada encontraria no caminho do saber racional, senão a negação da vida, e que nada encontraria na fé, senão a negação da razão, que era ainda mais impossível do que a negação da vida. Pelo saber racional, se concluía que a vida é o mal, e as pessoas sabem disso, e não viver depende só das pessoas, mas elas viveram e vivem, eu mesmo vivia, embora soubesse, já havia muito tempo, que a vida não tem sentido e é o mal. Pela fé, concluía-se que, para entender o sentido da vida, eu devia renunciar à razão, exatamente ela, necessária para o sentido.

IX

O resultado era uma contradição, da qual só havia duas saídas: ou aquilo que eu chamava de racional não era tão racional como eu pensava, ou aquilo que me parecia irracional não era tão irracional como eu pensava. E tratei de verificar o caminho dos argumentos de meu saber racional.

Ao conferir o caminho dos argumentos do saber racional, achei que ele estava perfeitamente correto. Era inevitável a conclusão de que a vida nada é; mas vi um erro. O erro era que eu estava pensando de forma incompatível com a pergunta que havia formulado. A pergunta era: Para que devo viver, ou seja, qual o resultado real, indestrutível, de minha vida ilusória e perecível? Que sentido tem minha existência finita neste mundo infinito? E, para responder a essa pergunta, investiguei a vida.

As soluções de todas as possíveis questões da vida, obviamente, não podiam me satisfazer, porque minha pergunta, por mais que parecesse simples de início, continha a exigência de uma explicação do finito pelo infinito e vice-versa.

Eu perguntava: Qual o sentido de minha vida, fora do tempo, da causalidade e do espaço? E eu respondia com a pergunta: Qual o sentido de minha vida no tempo, na causalidade e no espaço? O resultado foi que, após demorado esforço de pensamento, respondi: nenhum.

Em meus raciocínios, eu constantemente equiparava – e não podia agir de outro modo – o finito com o finito e o infinito com o infinito, e por isso eu concluía aquilo que não podia deixar de concluir: que a força é a força, que a substância é a substância,

que a vontade é a vontade, que a infinidade é a infinidade, que o nada é o nada, e não poderia mesmo concluir mais nada.

Era algo semelhante ao que ocorre na matemática, quando, ao pensar que resolvemos uma equação, resolvemos uma identidade. O caminho do pensamento está certo, mas no resultado se encontra a resposta: $a = a$, ou $x = x$, ou $0 = 0$. O mesmo ocorre no meu raciocínio a respeito da pergunta sobre o sentido de minha vida. As respostas oferecidas por toda a ciência são apenas uma identidade.

E, de facto, o saber racional rigoroso, o saber que, como fez Descartes, parte da dúvida absoluta sobre tudo, descarta todo saber fundamentado na fé e constrói tudo de novo, segundo as leis da razão e da experiência – e não pode dar outra resposta à questão da vida senão a mesma que eu havia obtido: uma resposta vaga. De início, me pareceu apenas que o saber dava uma resposta positiva – a resposta de Schopenhauer: a vida não tem sentido, ela é uma crueldade. Porém, analisando o problema, entendi que a resposta não era positiva, que apenas meu sentimento a exprimia dessa forma. A resposta, expressa de modo rigoroso, como é expressa pelos brâmanes, por Salomão e por Schopenhauer, é apenas uma resposta vaga ou uma identidade: $0 = 0$, a vida que se apresenta para mim como nada é nada. Assim, o saber filosófico não nega nada, apenas responde que essa pergunta não pode ser respondida por ele e que, para ele, a solução continuará indefinida.

Uma vez compreendido isso, compreendi também que era impossível buscar no saber racional a resposta para minha pergunta e que a resposta oferecida por esse saber é apenas uma indicação de que a resposta só pode ser obtida por meio de uma formulação diferente da pergunta, que introduza no raciocínio a questão da relação entre o finito e o infinito. Entendi também que, por mais irracionais e monstruosas que sejam as respostas fornecidas pela fé, elas têm a vantagem de introduzirem, em cada vez, a relação

entre o finito e o infinito, sem a qual não pode haver resposta. Seja como for que eu formule a pergunta “Como devo viver?”, a resposta é: Segundo a lei de Deus. “O que minha vida vai deixar de real?” Tormentos eternos ou a bênção eterna. “Qual o sentido que a morte não destrói?” A união com o Deus infinito, o paraíso.

Assim, além do saber racional que antes me parecia ser único, fui de forma inevitável levado a admitir que toda a humanidade viva possui uma espécie de saber diferente, irracional – a fé, que oferece a possibilidade de viver. Toda a irracionalidade da fé continuava, para mim, tal como era antes, porém eu não podia deixar de admitir que só ela oferece, à humanidade, respostas para a questão da vida e, em consequência, a possibilidade de viver.

O saber racional me levou a admitir que a vida é absurda, minha vida parou e eu quis dar cabo de mim mesmo. Ao observar as pessoas, a humanidade, vi que elas vivem e garantem que sabem qual é o sentido da vida. Observei a mim mesmo: eu vivia enquanto sabia o sentido da vida. A exemplo do que acontecia com as outras pessoas, a fé oferecia também a mim esse sentido e a possibilidade de viver.

Quando observei também as pessoas de outros países, pessoas minhas contemporâneas e do passado, vi a mesma coisa. Onde há vida, desde que a humanidade existe, a fé que oferece a possibilidade de viver e os traços principais da fé são os mesmos, sempre e em toda a parte.

Quaisquer que sejam as respostas da fé, oferecidas a quem quer que seja, toda resposta da fé dá um sentido infinito à existência finita do homem – um sentido que não é destruído pelos sofrimentos, pelas privações e pela morte. Isso significa que, numa fé, é possível encontrar o sentido e a possibilidade da vida. E compreendi que a fé, em seu significado essencial, não é apenas o “desvelamento de coisas invisíveis” etc., não é uma revelação (isso é só a descrição de um dos sinais da fé), não é só a relação

do homem com Deus (é preciso definir a fé e depois definir Deus, e não definir a fé por meio de Deus), não é só uma concordância com o que disseram ao homem, por mais que seja assim que, em geral, se entenda a fé – a fé é o sentido da vida humana, graças ao qual o homem não se destrói, e vive. A fé é a força da vida. Se o homem vive, ele acredita em alguma coisa. Se não acreditasse que é preciso viver para alguma coisa, ele não viveria. Se ele não vê e não entende a ilusão do finito, acredita nesse finito; se ele entende a ilusão do finito, deve acreditar no infinito. Sem fé, é impossível viver.

E lembrei todo o percurso de meu esforço interior e me horrorizei. Então, ficou claro para mim que, para um homem poder viver, precisa ou não ver o infinito ou ter uma explicação da vida em que o finito se equipare ao infinito. Eu tinha uma explicação assim, mas não precisava dela, enquanto acreditava no finito, e passei a verificá-la com a razão. E, à luz da razão, toda explicação anterior se desfez em pó. Mas veio o tempo em que parei de acreditar no finito. E então, a partir do que eu sabia, comecei a construir, em bases racionais, uma explicação que fornecia o sentido da vida; mas não pude construir nada. Junto com as melhores mentes da humanidade, cheguei à conclusão de que $0 = 0$ e fiquei muito admirado com tal solução e vi que não poderia mesmo obter nada diferente.

O que eu fazia, quando buscava a resposta nos saberes experimentais? Eu queria descobrir para que vivo e, para isso, estudei tudo que há fora de mim. Está claro que pude descobrir muita coisa, mas nada de que precisasse.

O que fiz, quando busquei a resposta nos saberes filosóficos? Investiguei os pensamentos de seres que se encontravam na mesma situação que eu, que não tinham resposta à pergunta “Para que eu vivo?”. É claro que eu não podia descobrir outra coisa senão aquilo que eu mesmo já sabia: que não se pode saber nada.

O que sou? Uma parte do infinito. Afinal, nessas duas palavras já reside todo o problema. Será que a humanidade só se fez essa pergunta ontem?

Será que ninguém, antes de mim, se fez essa pergunta – uma pergunta tão simples que logo vem à boca de qualquer criança inteligente?

Afinal, essa pergunta foi formulada desde que as pessoas existem; e, desde que existem, se compreende que, para a solução da questão, é também insuficiente equiparar o finito com o finito e o infinito com o infinito, e, desde sua existência, foram descobertas e expressas as relações do finito com o infinito.

Todos esses conceitos em que se equipara o finito com o infinito e em que se obtém o sentido da vida, os conceitos de Deus, de liberdade, de bem, nós os submetemos à investigação lógica. E esses conceitos não exprimem críticas à razão.

Se não fosse tão horrível, seria ridículo, o orgulho e a presunção com que nós, como crianças, desmontamos o relógio, retiramos a mola, fazemos dela um brinquedo e depois ficamos admirados, ao ver que o relógio parou de funcionar.

É necessária e preciosa a solução da contradição entre o finito e o infinito, bem como uma resposta à questão da vida que torne a vida possível. E essa é a única solução que encontramos em toda parte, sempre e em todos os povos – uma solução oriunda de um tempo em que a vida das pessoas se perde para nós, uma solução tão difícil que não somos capazes de apresentar nada parecido –, e essa mesma solução nós a destruímos levemente, a fim de formular de novo a pergunta inerente a todos, e para a qual não temos resposta.

Os conceitos de Deus infinito, de espírito divino, de um elo entre as ações das pessoas e Deus, o conceito de bem moral e de mal são conceitos elaborados na vastidão histórica da vida humana, oculta de nossos olhos, são conceitos sem os quais não

existiria nem vida nem eu mesmo, e eu, tendo rejeitado todo esse trabalho de toda a humanidade, quero fazer tudo sozinho, de novo, e por minha própria conta.

Na época eu não pensava assim, mas os embriões dessas ideias já estavam em mim. Eu entendia, em primeiro lugar, que minha posição, como a de Schopenhauer e Salomão, apesar de nossa sabedoria, era uma tolice: nós entendemos que a vida é crueldade e mesmo assim vivemos. Está claro que isso é tolice, porque, se a vida é tola – e eu prezo muito tudo que é racional –, então é preciso destruir a vida, e aí não existirá ninguém para negar a vida. Em segundo lugar, compreendi que todos os nossos raciocínios giram num círculo mágico, como uma roda de engrenagem cujos dentes não se encaixam. Por mais e melhor que raciocinemos, não conseguimos alcançar a resposta para a pergunta, e sempre vai dar $0 = 0$, e por isso nosso caminho está, provavelmente, equivocado. Em terceiro lugar, comecei a entender que, nas respostas fornecidas pela fé, se abriga a profunda sabedoria da humanidade e que eu não tinha direito de negá-la com base na razão, e que, acima de tudo, só essas respostas atendem à questão da vida.

X

Compreendi isso, mas tal compreensão não me trouxe alívio.

Agora eu estava pronto para aceitar qualquer fé, contanto que ela não exigisse de mim uma negação direta da razão, o que seria uma mentira. Estudei o budismo e o islamismo nos livros e, sobretudo, o cristianismo, tanto nos livros como nas pessoas vivas que me rodeavam.

Naturalmente, antes de tudo, voltei-me para as pessoas de meu círculo que criam, as pessoas cultas, os teólogos ortodoxos, os monges e anacoretas, para os teólogos de novo matiz e até para os chamados cristãos novos, que pregam a salvação pela fé na redenção. E me apeguei a esses crentes e indaguei em que acreditavam e como encaravam o sentido da vida.

Apesar de fazer todas as concessões possíveis, evitar todas as discussões, eu não consegui aceitar a fé dessas pessoas – vi que o que elas tomavam por fé não era uma explicação, mas um escurecimento do sentido da vida e que elas mesmas afirmavam sua fé não para responder à questão da vida, que era o que me atraía para a fé, mas sim com outros propósitos, estranhos a mim.

Lembro-me do aflitivo sentimento de horror diante do regresso ao desespero de antes, que experimentei, depois da esperança, muitas e muitas vezes, nas relações com essas pessoas.

Quanto mais minuciosamente elas me explicavam sua crença, mais claramente eu via seu equívoco e mais perdia a esperança de encontrar em sua fé a explicação do sentido da vida.

A questão não é que, na explanação de sua crença, elas misturavam com as verdades cristãs, que sempre me foram próximas, muitas coisas desnecessárias e irracionais – não era isso que me repelia, mas sim que a vida dessas pessoas era igual à minha, com a diferença de que sua vida não se coadunava com os princípios

que elas mesmas professavam em sua crença. Eu sentia com clareza que elas se iludiam e que, assim como eu, não tinham outro sentido para a vida senão o de viver enquanto se vive e de se apoderar de tudo o que estiver ao alcance da mão. Eu via que era assim porque, se elas tivessem outro sentido, capaz de aniquilar o medo das privações, dos sofrimentos e da morte, elas não teriam medo de nada disso. Mas elas, os crentes de nosso círculo, eram exatamente como eu, viviam na fartura, se esforçavam para aumentá-la ou conservá-la, temiam as privações, os sofrimentos, a morte e, assim como eu e todos nós, que não somos crentes, viviam para satisfazer as luxúrias, viviam tão mal, senão ainda pior, do que os que não creem.

Nenhum argumento conseguia me convencer da verdade de sua fé. Se ao menos suas ações me tivessem mostrado que possuíam um sentido da vida em que a pobreza, a doença e a morte, que me apavoram, não lhes causam pavor, eu poderia me convencer. No entanto, eu não via tais ações entre os diversos crentes de nosso círculo. Ao contrário, entre as pessoas próximas a nós mais descrentes, eu via ações desse tipo, mas nunca entre as pessoas que se chamavam de crentes.

E compreendi que a fé dessas pessoas não era a fé que eu buscava, que sua fé não é uma fé, mas apenas um dos consolos epicuristas na vida. Compreendi que essa fé se presta, talvez, senão ao consolo, pelo menos a certa distração para um Salomão arrependido, no leito de morte, mas não pode servir para a imensa maioria da humanidade, cuja vocação não é divertir-se à custa dos trabalhos dos outros, mas sim criar a vida. Para que a humanidade toda possa viver, para que a humanidade dê continuidade à vida, dando a ela um sentido, esses milhões de pessoas precisam ter um conceito da fé diferente e verdadeiro. Portanto, não foi o facto de eu, Salomão e Schopenhauer não nos termos matado que me convenceu da existência da fé, mas o facto de milhões de pessoas

terem vivido e viverem, e terem carregado a Salomão e a mim nas ondas de sua vida.

E comecei a aproximar-me dos crentes pobres, simples, sem instrução, os peregrinos, os monges, os cismáticos, os mujiques. A crença dessas pessoas do povo era também cristã, como a crença dos supostos crentes de nosso círculo. Muitas superstições também se misturavam às verdades cristãs, mas a diferença era que as superstições dos crentes de nosso círculo eram totalmente desnecessárias para eles, não tinham ligação com a vida, era apenas seu tipo de diversão epicurista; as superstições dos crentes do povo trabalhador eram a tal ponto ligadas com sua vida que seria impossível conceber sua vida sem essas superstições – elas eram as condições necessárias dessa vida. Toda a vida dos crentes de nosso círculo estava em contradição com sua fé, enquanto toda a vida dos crentes trabalhadores era uma confirmação do sentido da vida fornecido pelo seu conceito de fé. Passei a observar a vida e a crença dessas pessoas e, quanto mais observava, mais me convencia de que elas possuem a fé verdadeira, que sua fé é necessária para elas e lhes dá o sentido e a possibilidade da vida. Em oposição ao que eu via em nosso círculo, em que a vida sem fé é possível e, entre milhares, apenas um, se tanto, se diz crente, entre aquelas pessoas apenas uma entre milhares, se tanto, se dizia descrente. Em oposição ao que eu via em nosso círculo, onde toda a existência transcorre em festas, diversões e insatisfação com a vida, eu via que toda a vida daquelas pessoas se passava em meio ao trabalho pesado e que elas eram menos insatisfeitas com a vida do que os ricos. Em oposição ao facto de que as pessoas de nosso círculo resistiam e se revoltavam contra o destino, por causa das privações e do sofrimento, aquelas pessoas aceitavam as doenças e os desgostos sem nenhuma perplexidade ou oposição, mas com tranquilidade e a firme certeza de que tudo deve ser assim e não pode ser de outro modo, que tudo isso é bom. Em oposição ao

facto de que, quanto mais somos inteligentes, menos compreendemos o sentido da vida e vemos uma espécie de brincadeira cruel no facto de que sofremos e morremos, aquelas pessoas vivem, sofrem e se aproximam da morte com tranquilidade e, em geral, com alegria. Em oposição ao facto de que uma morte tranquila, uma morte sem horror e desespero, é a mais rara exceção em nosso círculo, uma morte intranquila, insubmissa e sem alegria é a mais rara exceção no meio do povo. E essas pessoas, privadas de tudo aquilo que, para mim e para Salomão, constitui o único bem da vida e que, nisso, experimentam uma grande felicidade, são inumeráveis. Observei a vastidão à minha volta. Examinei a vida da enorme massa de pessoas contemporâneas e do passado. E, daquelas pessoas que entendem o sentido da vida, sabem viver e morrer, vi não dois ou três ou dez, mas centenas, milhares, milhões. E todas infinitamente diferentes por seus costumes, pensamento, educação, condição, todas igualmente, e completamente, em oposição à minha ignorância, sabiam o sentido da vida e da morte, tranquilamente trabalhavam, suportavam as privações e os sofrimentos, viviam e morriam, vendo nisso não uma vaidade, mas um bem.

E me apaixonei por essas pessoas. Quanto mais eu me aprofundava na vida das pessoas vivas e também na vida das que já haviam morrido, sobre as quais eu lia e ouvia falar, mais eu as amava e, para mim mesmo, mais leve se tornava viver. Assim vivi dois anos e ocorreu uma transformação, que vinha se preparando, dentro de mim, havia muito tempo e para a qual eu sempre tivera propensão. Aconteceu comigo que a vida de nosso círculo – das pessoas ricas, instruídas – não só me causou repulsa como perdeu todo o sentido. Todas as nossas atividades, todos os nossos argumentos, todas as nossas ciências, artes, tudo isso me pareceu uma brincadeira. Entendi que era impossível procurar nisso algum sen-

tido. As atividades do povo trabalhador, que criava a vida, me pareceram a única tarefa verdadeira. E compreendi que o sentido fornecido por essa vida é a verdade, e eu o adotei.

XI

E ao lembrar que essas mesmas crenças me causavam repulsa e me pareciam loucura, quando professadas por pessoas que viviam de maneira contrária a elas, e como essas mesmas crenças me atraíram e me pareceram razoáveis, quando vi as pessoas que viviam de acordo com elas – entendi por que, naquela ocasião, aquelas crenças me causaram repulsa e por que achei que eram loucas. Então eu as adotei e encontrei um sentido completo. Entendi que eu havia me desencaminhado, e como isso tinha acontecido. Eu me desencaminhara menos por ter pensado de forma errada do que por ter vivido de modo muito ruim. Entendi que o que me encobria a verdade era menos o descaminho de meu pensamento do que a minha própria existência, naquelas excepcionais condições do epicurismo em que eu passava minha vida. Entendi que, para minha pergunta sobre o que é minha vida, a resposta “crueldade” era perfeitamente correta. Errado era apenas o facto de tomar uma resposta que dizia respeito somente a mim e relacioná-la com a vida em geral: perguntei a mim mesmo o que é minha vida e recebi a resposta: crueldade e absurdo. E é exato, minha vida – uma vida de submissão à luxúria – era absurda e cruel e por isso a resposta “a vida é crueldade e absurdo” só dizia respeito à minha vida, e não à vida das pessoas em geral. Entendi esta verdade, que mais tarde encontrei no Evangelho, segundo a qual as pessoas adoram mais a sombra que a luz, porque suas ações são más. Pois quem quer que faça coisas ruins detesta a luz e não marcha na direção da luz, para que suas ações não sejam denunciadas. Entendi que para compreender o sentido da vida é

preciso, antes de tudo, que a vida não seja absurdo e crueldade, e só depois virá a razão para compreendê-la. Entendi por que andei tanto tempo em torno dessa verdade tão evidente, e que, para pensar e falar sobre a vida da humanidade, é preciso pensar e falar sobre a vida da humanidade, e não sobre a vida de alguns parasitas. A verdade foi sempre a verdade, como $2 \times 2 = 4$, mas eu não o admitia, porque, tendo admitido que $2 \times 2 = 4$, eu deveria também admitir que sou ruim. E, para mim, sentir-me bom era mais importante e obrigatório do que $2 \times 2 = 4$. Eu amei as pessoas boas, detestei a mim mesmo e reconheci a verdade. Agora, tudo estava claro para mim.

Se um verdugo que leva a vida entre torturas e decapitações, ou um beerrão inveterado, ou um louco que passa a vida inteira trancado num quarto escuro, degrada seu quarto e imagina que vai morrer, caso saia dali – se eles perguntassem a si mesmos “O que é a vida?”, obviamente não poderiam obter para a pergunta outra resposta senão que a vida é uma grande crueldade; e a resposta do louco seria perfeitamente verdadeira, mas só para ele. Então, estaria eu louco também? Estaríamos nós todos, pessoas ricas, instruídas, loucos também?

E compreendi que, de facto, nós também estamos loucos. Certamente, eu também estava louco. E, de facto, o pássaro existe para voar, obter alimento, construir o ninho e, quando vejo que o pássaro faz isso, me alegro com a alegria dele. O bode, a lebre, o lobo existem para se alimentar, se reproduzir, alimentar a família e, quando fazem isso, tenho a firme consciência de que estão felizes e que sua vida é racional. O que o homem deve fazer? Deve, precisamente, ganhar a vida, como os animais, porém com a diferença de que irá perecer, se ganhar a vida sozinho – ele precisa ganhar a vida não para si, mas para todos. E, quando faz isso, tenho a firme consciência de que ele é feliz, que sua vida é racional. O que fiz em todos os meus trinta anos de vida consciente? Eu

não só não ganhei a vida para todos, como não ganhei a vida nem para mim mesmo. Vivi como um parasita e, ao me perguntar para que vivo, recebi a resposta: para nada. Se o sentido da vida humana está em ganhar a vida, então de que forma eu, que por trinta anos não cuidei de ganhar a vida, mas de degradar a vida em mim e nos outros, poderia obter outra resposta senão de que minha vida é absurdo e crueldade? E ela era mesmo absurdo e crueldade.

A vida do mundo acontece pela vontade de alguém – por meio dessa vida de todo mundo e por meio de nossa vida, alguém realiza sua tarefa, seja ela qual for. Para ter esperança de entender o sentido dessa vontade é preciso, antes de tudo, cumpri-la – fazer aquilo que querem de nós. E se eu não fizer o que querem de mim, nunca entenderei o que querem de mim, e menos ainda o que querem de todos nós e de todo mundo.

Se retirarem um mendigo nu e faminto de uma encruzilhada, o levarem para um local abrigado, uma bela instituição, lhe derem comida, água e o obrigarem a mover uma espécie de alavanca para cima e para baixo, é óbvio que, antes de decifrar para que o retiraram da encruzilhada e para que ele move a alavanca, e antes de indagar se toda a instituição foi organizada de maneira racional, o mendigo, em primeiro lugar, precisa mover a alavanca. Se ele mover a alavanca, compreenderá que essa alavanca põe em movimento uma bomba, que essa bomba puxa a água que vai para os canteiros; então o retirarão do poço e o colocarão em outra atividade e ele colherá frutas e participará da alegria de seu senhor e, ao passar de uma atividade inferior para outra superior, compreendendo cada vez mais a organização de toda a instituição e participando dela, nunca pensará nem perguntará para que está ali, e não lhe ocorrerá, de jeito nenhum, acusar seu senhor.

Assim, também, não acusam o senhor aqueles que fazem sua vontade, as pessoas simples, os trabalhadores, as pessoas sem instrução, aqueles que tratamos como gado; e nós aqui, os sábios,

quando se trata de comer, comemos tudo que é do senhor, mas quando se trata de fazer o que o senhor quer de nós, não fazemos nada e, em lugar de fazer, sentamos numa rodinha e raciocinamos: “Para que mover essa alavanca? Afinal, isso é uma tolice”. Aqui está o que concluimos. Concluimos que o senhor é um tolo ou que não existe e que nós somos inteligentes, apenas sentimos que não servimos para nada e que, de algum modo, é preciso nos livrarmos de nós mesmos.

XII

A consciência do erro do saber racional me ajudou a livrar-me da tentação da filosofice ociosa. A convicção de que só por meio da vida se pode encontrar o saber da verdade me induziu a duvidar da justeza de minha vida; mas só me salvou o facto de eu conseguir desvencilhar-me de minha excecionalidade e ver a vida autêntica do trabalhador simples do povo e entender que só essa é a vida autêntica. Compreendi que, se quero compreender a vida e seu sentido, preciso viver não a vida de um parasita, mas a vida autêntica e, depois de reconhecer o sentido que a humanidade autêntica dá a ela, me integrar a essa vida, verificá-la.

Nessa mesma época, aconteceu comigo o seguinte. Em todo decurso desse ano, quando eu me perguntava, quase a todo minuto, “Devo pôr um fim com a corda ou com uma bala?”, durante todo esse tempo, lado a lado com os pensamentos e observações de que falei, meu coração se afligia com um sentimento torturante. Não posso chamar esse sentimento de outro modo, senão de busca de Deus.

Digo que essa busca de Deus não era um raciocínio, mas um sentimento, porque essa busca decorria não de meus pensamentos – era até seu oposto direto –, mas sim do coração. Era um sentimento de medo, de abandono, de solidão, em meio a tudo que me é estranho, mas também de esperança por alguma ajuda.

Apesar de estar plenamente convencido da impossibilidade de provar a existência de Deus (Kant me comprovou que é mesmo impossível, e eu o compreendi perfeitamente), ainda assim eu

buscava Deus, na esperança de encontrá-lo, e voltei ao antigo costume de rezar, atrás daquilo que eu procurava e não encontrei. Então, em pensamento, verifiquei os argumentos de Kant e Schopenhauer sobre a impossibilidade de provar a existência de Deus e comecei a refutá-los. A causa, disse a mim mesmo, não é da mesma categoria que o pensamento, como o espaço e o tempo. Se eu existo, existe uma causa para isso, e a causa das causas. E essa causa de tudo é o que se chama de Deus; e me detive nessa ideia e tentei, com todo o meu ser, tomar consciência dessa causa. E assim que tomei consciência de que existe uma força em cujo poder eu me encontro, logo senti a possibilidade da vida. Porém, perguntei a mim mesmo: “O que é essa causa, essa força? Como vou pensar nela, como vou me relacionar com isso que estou chamando de Deus?”. E só me vieram à cabeça as respostas conhecidas: “Ele é o criador, a providência”. Tais respostas não me satisfizeram e eu senti que, dentro de mim, estava desaparecendo aquilo que é necessário para a vida. Cheguei ao horror e comecei a rezar àquele que eu procurava, para que ele me socorresse. E quanto mais rezava, mais evidente ficava para mim que ele não me ouvia e que não existe ninguém a quem possamos nos dirigir. Com desespero no coração por não haver Deus algum, eu disse: “Senhor, tem misericórdia de mim, salva-me! Senhor, ensina-me, meu Deus!”. Mas ninguém teve misericórdia de mim, e senti que minha vida ficou em suspenso.

No entanto, de novo e mais uma vez, de vários outros ângulos, cheguei ao mesmo entendimento de que eu não podia vir ao mundo sem qualquer argumento, causa e sentido, que não posso viver como um passarinho que caiu do ninho, que era como eu me sentia. Pois então, que eu, um passarinho caído do ninho, fique estirado de costas e coma no meio do capim alto, mas eu me alimento porque sei que minha mãe me pôs no mundo, me chocou, me esquentou, me alimentou, me amou. Onde está ela, essa mãe?

Se fui jogado para fora, quem me jogou? Não posso esconder de mim mesmo que alguém, amando, me trouxe ao mundo.

Quem é esse alguém? De novo, Deus.

“Ele conhece e vê minha busca, meu desespero, minha luta. Ele existe”, disse a mim mesmo. E custou-me um instante para reconhecer isso, assim que a vida se ergueu dentro de mim, e senti também a possibilidade e a alegria de existir. Mas, de novo, do reconhecimento da existência de Deus passei para a busca da relação com ele, e de novo surgiu diante de mim aquele Deus, nosso criador, em três pessoas, que enviou seu Filho, o Redentor. E, de novo, esse Deus separado do mundo e de mim, como um bloco de gelo, foi derretendo e derretendo diante de meus olhos, e de novo não restou nada, e de novo a fonte da vida secou e cheguei ao desespero e senti que não tinha de fazer outra coisa senão me matar. E o pior de tudo, eu sentia, era que eu não conseguia executar isso.

Não foram duas nem três vezes, mas dezenas, centenas de vezes que cheguei a essa condição – ora de alegria e de animação, ora novamente de desespero e de consciência da impossibilidade da vida.

Lembro que era o início da primavera, eu estava sozinho na floresta, escutava com atenção os sons da mata. Escutava e pensava sempre a mesma coisa, como pensava constantemente sempre a mesma coisa, durante os três anos anteriores. De novo, eu buscava Deus.

“Muito bem, não existe Deus nenhum”, eu dizia a mim mesmo, “não existe Deus nenhum, senão aquele que se formou em minha imaginação, o que existe é a realidade, a mesma que existiu durante toda a minha vida; não existe esse Deus. E nada, nenhum milagre pode provar sua existência, porque os milagres vão existir em minha imaginação, que ainda por cima é irracional.”

“Mas e o conceito de Deus, a que estou buscando?”, perguntei a mim mesmo. “De onde ele veio?” E, de novo, com esse pensamento em mim, subiram as ondas alegres da vida. Tudo à minha volta se reanimou, ganhou sentido. Mas minha alegria durou pouco. A mente prosseguiu seu trabalho.

“O conceito de Deus não é Deus”, disse a mim mesmo, “o conceito é algo que se passa dentro de mim, o conceito de Deus é algo que eu posso estimular, e também posso não estimular, dentro de mim. Não é isso que eu estou buscando. Estou buscando aquilo sem o qual não poderia existir a vida.” E, de novo, tudo começou a morrer à minha volta e dentro de mim e, de novo, me veio a vontade de me matar.

Mas nisso olhei para mim mesmo, para aquilo que se passava dentro de mim; e lembrei todas as centenas de vezes em que o abatimento e a animação se sucederam em meu íntimo. Lembrei que eu só vivia quando acreditava em Deus. Como era antes, assim é agora, e disse a mim mesmo: basta conhecer Deus para que eu viva; basta esquecer, não acreditar em Deus, que começo a morrer. O que é esse abatimento e essa animação? De facto, não vivo quando perco a fé na existência de Deus e, sem dúvida, já teria me matado há muito tempo se não tivesse uma vaga esperança de encontrá-lo. Afinal, eu vivo e, só quando sinto e busco Deus, vivo verdadeiramente. “Portanto, para que continuo buscando Deus?”, exclamou uma voz dentro de mim. “Olhe, lá está ele. Ele é aquilo sem o que é impossível viver. Conhecer Deus e viver é a mesma coisa. Deus é vida.”

“Viva descobrindo Deus e, então, não haverá vida sem Deus.” E, mais forte do que nunca, tudo se iluminou dentro de mim e à minha volta, e essa luz já não me abandonou.

E me salvei do suicídio. Quando e como se deu, dentro de mim, essa reviravolta, não posso dizer. Assim como a força da

vida se aniquilou dentro de mim gradualmente, de modo impercetível, e acabei chegando à impossibilidade de viver, à suspensão da vida, à necessidade do suicídio, também gradualmente, de modo impercetível, aquela força da vida retornou para mim. E o estranho é que essa força de viver, que voltou para mim, não era nova, mas bem antiga – a mesma que me atraía nas primeiras fases de minha vida. Voltei aos primórdios, à infância e à juventude. Voltei na direção da fé, para aquela vontade que me produziu e que quer algo de mim; voltei para o objetivo único e principal de minha vida, ser melhor, ou seja, viver de acordo com aquela vontade; voltei para a convicção de que posso encontrar a expressão daquela vontade em algo que se esconde de mim, algo que toda a humanidade elaborou a fim de orientá-la, ou seja, voltei à fé em Deus, no aprimoramento moral, na tradição que transmite o sentido da vida. Só que havia uma diferença: na época, tudo isso era aceito por mim de forma inconsciente, e agora eu sabia que, sem isso, não poderei viver.

Eis o que parecia estar acontecendo comigo: um dia, não lembro quando, me puseram num bote, me empurraram para longe de certa margem desconhecida, indicaram a direção onde ficava a outra margem, puseram os remos em minhas mãos inexperientes e me deixaram sozinho. Remei como pude e naveguei; no entanto, quanto mais eu navegava para o meio, mais rápida ficava a correnteza que me arrastava para longe de meu destino, e cada vez mais apareciam navegantes iguais a mim, arrastados pela correnteza. Havia navegantes que continuavam a remar; havia aqueles que tinham largado os remos; havia botes grandes, barcos enormes cheios de gente; alguns lutavam contra a correnteza, outros se rendiam. E quanto mais eu navegava, olhando para baixo da correnteza, para onde todos os navegantes eram arrastados, mais eu me esquecia da direção que me haviam indicado. Bem no meio da torrente, repleta de botes e barcos carregados pela correnteza,

perdi por completo a direção e abandonei os remos. De todos os lados, à minha volta, com alegria e exaltação, erguendo velas ou empunhando remos, navegantes desciam pela correnteza, tentavam convencer-me, e uns aos outros, que a direção não poderia ser outra. E acreditei neles e os segui. E fui levado para longe, tão longe que comecei a ouvir o barulho das corredeiras, onde eu estava fadado a me despedaçar, e avistei botes que já estavam se despedaçando. Então, pensei melhor. Durante muito tempo, não fui capaz de entender o que havia acontecido comigo. À minha frente, eu só via destruição, para a qual eu estava avançando ligeiro, e que eu temia, não via salvação em parte alguma e não sabia o que fazer. Porém, olhando para trás, vi uma infinidade de botes que, sem cessar, obstinadamente, resistiam à correnteza. Pensei na margem, nos remos e no rumo e comecei a remar para trás, correnteza acima, na direção da margem.

A margem é Deus, o rumo é a tradição, os remos eram a liberdade que me foi dada para remar para a margem e unir-me a Deus. Assim, a força da vida recrudescia dentro de mim e, de novo, comecei a viver.

XIII

Afastei-me de nosso círculo, depois de reconhecer que aquilo não era a vida, mas só algo semelhante a ela, que as condições de fartura em que vivemos nos privam da possibilidade de compreender a vida e que, para compreendê-la, devo fazê-lo sem exceção, não a nossa vida de parasitas, mas a do povo trabalhador simples, aquele que faz a vida, e o sentido que ele dá a ela. O povo trabalhador simples à minha volta era o povo russo, e me voltei para ele e para o sentido que ele dá à vida. Tal sentido, se posso exprimi-lo assim, era o seguinte. Todo homem veio a este mundo pela vontade de Deus. Deus criou o homem de tal modo que todo homem pode perder sua alma ou salvá-la. A missão do homem na vida é salvar sua alma; para salvar sua alma, é preciso viver de acordo com Deus, mas para viver de acordo com Deus é preciso renunciar a todos os confortos da vida, trabalhar, resignar-se, suportar e ser misericordioso. Esse é o sentido que o povo extrai de toda crença que foi e lhe é transmitida pelos pastores e pela tradição que vive no povo e está expressa em lendas, provérbios e contos. Esse sentido estava claro para mim e era afim a meu coração. Porém, junto com esse sentido da fé popular, estava indissolivelmente ligada, no povo adepto da Igreja Ortodoxa entre o qual eu vivia, muita coisa que me causava repulsa e me parecia inexplicável: os mistérios, as cerimônias religiosas, os jejuns, a devoção às relíquias e aos ícones. O povo não consegue separar uma coisa da outra, e eu também não consigo. Por mais que muita coisa pertencente à fé do povo me fosse estranha, aceitei tudo, ia às missas,

rezava de manhã e à noite, jejuava, me preparava para a comunhão e, no início, minha razão não se opunha a nada. As mesmas coisas que antes me pareciam impossíveis, agora não despertavam resistência, em mim.

Minha relação com a fé, antes e agora, era completamente distinta. Antes, a própria vida me parecia cheia de sentido e a fé se afigurava uma afirmação arbitrária de regras que eram, para mim, completamente desnecessárias e irracionais, e sem ligação com a vida. Nesse tempo eu perguntava a mim mesmo que sentido tinham essas regras e, convencido de que não tinham sentido, rejeitei-as. Agora, ao contrário, eu sabia com firmeza que minha vida não tem e não pode ter nenhum sentido, e as regras da fé não só não me pareciam desnecessárias como eu, por uma experiência indiscutível, fui levado à convicção de que só essas regras da fé davam sentido à vida. Antes, eu as encarava como um velho documento inútil, escrito em linguagem cifrada; agora, se não as compreendia, ao menos sabia que nelas havia um sentido e dizia a mim mesmo que é preciso aprender a compreendê-las.

Eu fazia o seguinte raciocínio. Dizia a mim mesmo: assim como toda a humanidade e sua razão, o saber da fé emana de um princípio misterioso. Esse princípio é Deus, o princípio do corpo humano e de sua razão. Assim como meu corpo chegou de Deus até mim hereditariamente, também chegaram, até mim, minha razão e minha concepção da vida e, por isso, todos os graus de desenvolvimento dessa concepção de vida não podem ser falsos. Tudo aquilo em que as pessoas acreditam verdadeiramente deve ser verdade; ela pode ser expressa de formas diferentes, mas não pode ser mentira e, por isso, se ela me parece mentira, quer dizer apenas que eu não a compreendo. Além do mais, disse a mim mesmo: a essência de qualquer fé consiste em que ela dá à vida um sentido que a morte não destrói. Naturalmente, para que a fé

possa responder à pergunta de um czar que morre em meio à luxúria, de um velho escravo martirizado pelo trabalho, de uma criança ingênua, de um eremita sábio, de uma velha meio louca, de uma jovem feliz, de um jovem dilacerado pelas paixões, de todas as pessoas das mais diversas condições de vida e instrução – naturalmente, se existe uma resposta que responda à perpétua questão da vida, “Para que vivo, no que vai dar minha vida?”, essa resposta, embora única em sua essência, tem de ser infinitamente variada em suas manifestações; e quanto mais única, quanto mais verdadeira e profunda essa resposta, naturalmente mais estranha e monstruosa ela deve se afigurar em suas diversas tentativas de expressão, conforme a instrução e a posição de cada um. Mas esses argumentos, que, para mim, justificavam a estranheza do lado ritual da fé, eram, no entanto, insuficientes para que eu mesmo, na fé – a única questão que me importava na vida –, me permitisse executar atos dos quais eu duvidava. Eu desejava, com todas as forças da alma, estar em condição de me fundir com o povo, cumprindo o lado ritual de sua fé; mas eu não conseguia fazer isso. Sentia que estava mentindo a mim mesmo e que, se eu executasse aquilo, estaria zombando do que, a meu ver, era sagrado. Em meu socorro, porém, logo acudiram as obras de nossos teólogos russos.

Segundo a explicação desses teólogos, o fundamento da fé dogmática é a Igreja infalível. Do reconhecimento desse dogma decorre, como consequência inevitável, a verdade de tudo que a Igreja professa. A Igreja, como congregação de crentes unidos pelo amor e, por isso, portadores do saber verdadeiro, tornou-se o fundamento de minha fé. Disse a mim mesmo que a verdade divina não pode ser acessível a um só homem; ela só se revela para toda a congregação de pessoas, unidas pelo amor. A fim de alcançar a verdade, é preciso não se dividir; mas, para não se dividir, é preciso amar e resignar-se àquilo com que não estamos de acordo. A verdade se revela ao amor e por isso, se não nos sujeitamos aos

rituais da Igreja, transgredimos o amor; e, ao transgredir o amor, desperdiçamos a possibilidade de conhecer a verdade. Na época eu não via o sofisma que se abriga nesse raciocínio. Eu não via, então, que a união no amor pode resultar no amor supremo, porém jamais na verdade teológica, expressa por palavras estabelecidas no Sínodo de Niceia;¹ eu não via, também, que o amor não pode, de maneira nenhuma, tornar determinada expressão da verdade obrigatória para a união. Eu não via os erros desse raciocínio e, por conta disso, tive a possibilidade de adotar e cumprir todos os rituais da Igreja Ortodoxa, sem compreender a maior parte deles. Na época eu tentava, com todas as forças da alma, evitar quaisquer raciocínios contraditórios e tentava explicar, na medida do possível, de maneira racional, as regras da Igreja com as quais eu estava em atrito.

Ao cumprir as regras da Igreja, eu humilhava minha razão e me submetia à tradição que toda a humanidade seguia. Eu me unia a meus antepassados, a meus entes queridos – ao pai, à mãe, aos avôs, às avós. Eles e todos os ancestrais acreditaram e viveram, e me trouxeram ao mundo. Eu me unia a todos os milhões de pessoas do povo que eu respeitava. Da mesma forma, essas mesmas ações não continham, em si, nada de ruim (eu considerava ruim a complacência com a luxúria). Quando levantava muito cedo para ir à missa, eu sabia que agia bem, ainda que fosse só porque eu estava sacrificando minha tranquilidade corporal a fim de humilhar meu orgulho da mente e de me aproximar de meus antepassados e contemporâneos, em nome da busca do sentido da vida. O mesmo acontecia com o jejum que antecede a comunhão, a leitura diária das orações, com as curvaturas do tronco que as acompanham, e também no cumprimento de todos os jejuns. Por mais insignificantes que fossem esses sacrifícios, eram sacrifícios em nome do bem. Eu me preparava para a comunhão, jejuava, obedecia ao horário das orações em casa e na igreja. Ao acompanhar

as cerimónias religiosas, eu penetrava em cada palavra e, quando podia, lhe dava sentido. Na missa, as palavras mais importantes para mim eram “Amemo-nos uns aos outros em união...” As palavras seguintes, “Cremos no Pai e no Filho e no Espírito Santo”, eu deixava passar em branco, pois não conseguia compreendê-las.

XIV

Na época, para mim, era tão necessário crer para viver que, sem ter consciência disso, escondia de mim mesmo as contradições e as obscuridades da crença. Mas essa forma de entender os rituais tinha um limite. Se as preces se tornavam cada vez mais claras em suas palavras principais, se, de uma forma ou de outra, eu me explicava as palavras “lembremos nossa Soberana Santíssima Mãe de Deus e todos os santos, e dediquemos toda a nossa vida, em cada um de nós e uns nos outros, a Cristo Deus”, se eu explicava a repetição frequente das orações ao czar e a seus familiares pelo facto de eles estarem mais sujeitos à tentação do que os outros e, por isso, necessitarem de mais orações, já as preces sobre a conquista e a sujeição dos inimigos e adversários, se eu ainda as explicava dizendo que o inimigo é o mal, essas orações, no entanto, a exemplo de outras, como as dedicadas aos querubins, a todo o mistério da eucaristia ou ao “altíssimo defensor”¹ etc., quase dois terços de todas as cerimónias, ou não tinham nenhuma explicação ou eu sentia que, ao propor alguma explicação para elas, eu mentia e, desse modo, destruía por completo minha relação com Deus e perdia totalmente qualquer possibilidade de fé.

Tentei também comemorar os principais dias santos. Observar o dia sabático, ou seja, dedicar um dia a me dirigir a Deus, era algo que eu compreendia. Porém, o dia santo mais importante era o da recordação da ressurreição, facto que eu mesmo não conseguia conceber nem entender. É com essa palavra, “ressurreição”,

que se denomina o dia santo semanal.² E é nesses dias que se realiza o mistério da eucaristia, que me era completamente incompreensível. Os restantes vinte dias santos, além do Natal, eram lembranças de milagres, sobre os quais eu me esforçava para não pensar, a fim de não os rejeitar: Ascensão, Pentecoste, Epifania, Manto da Virgem etc. Ao comemorar esses dias santos, sentindo que estava conferindo importância àquilo mesmo que, para mim, não tinha nenhuma importância, ou eu inventava explicações para me acalmar ou fechava os olhos para não ver o que me seduzia.

Isso acontecia comigo com mais força, ao participar dos mistérios mais rotineiros, tidos como os mais importantes: o batismo e a comunhão. Aqui, eu estava em choque não com ações incompreensíveis, mas sim perfeitamente compreensíveis; essas ações me pareciam sedutoras e eu me via num dilema: ou mentir ou largar tudo.

Nunca esquecerei o sentimento torturante que experimentei no dia em que comunguei pela primeira vez, depois de muitos anos. As cerimônias religiosas, a confissão, os rituais, tudo isso me era compreensível e produzia uma consciência alegre de que o sentido da vida se revelava para mim. A própria comunhão, eu a explicava como um ato que se pratica em memória de Cristo e que significa a purgação dos pecados e a plena aceitação da doutrina de Cristo. Se essa explicação é artificial, eu não percebia sua artificialidade. Eu me sentia tão alegre, me prostrando e me humilhando diante de um padre confessor simples e tímido, a fim de extirpar toda a sujeira de minha alma, me arrependendo de meus pecados, me sentia tão alegre de me fundir com os pensamentos e as aspirações dos padres que escreveram as orações dos cânones, me sentia tão alegre na união com todos os que criam ou que tinham crido, que nem sentia a artificialidade de minha explicação. Quando me aproximei da porta real³ e o sacerdote me obrigou a repetir que eu acreditava que o que eu ia engolir era o verdadeiro

corpo e o sangue de Cristo, aquilo me feriu até o coração; não era apenas uma nota falsa, era uma exigência cruel feita por alguém que, obviamente, nunca soubera o que é a fé.

Mas se, agora, me permito dizer que aquilo era uma exigência cruel, na ocasião eu nem pensava nisso, apenas senti uma dor inexprimível. Eu já não estava na situação em que me encontrava na juventude, quando achava que tudo na vida estava claro; assim, cheguei à fé porque, fora da fé, eu não encontrei nada, rigorosamente nada, senão destruição. Por isso, era impossível rejeitar essa fé e eu me submetia. E, em meu espírito, descobri um sentimento que me ajudou a suportar isso. Foi o sentimento de auto-humilhação e de humildade. Eu me humilhei, engoli aquele sangue e aquele corpo sem nenhum sentimento sacrílego, com o desejo de acreditar, mas o golpe já havia me atingido e deixado sua marca. E, sabendo de antemão o que me aguardava, eu já não consegui voltar lá na vez seguinte.

Continuei a cumprir com rigor os rituais da Igreja e acreditava, cada vez mais, que nessa crença que eu adotava estava a verdade, e aconteceu comigo algo que, agora, está claro para mim, mas que, na ocasião, me pareceu estranho.

Ouvi a conversa de um mujique analfabeto sobre Deus, sobre a fé, sobre a vida, sobre a salvação, e o sentido da fé se revelou para mim. Eu me aproximei do povo, escutei seus juízos sobre a vida, sobre a fé, e eu, cada vez mais, fui entendendo a verdade. O mesmo aconteceu comigo durante a leitura do Tchéti-Minie e dos Prólogos;⁴ tornaram-se minha leitura predileta. Com exceção dos milagres, que eu encarava como fábulas que exprimiam alguma ideia, essas leituras me revelaram o sentido da vida. Lá estava a vida de Macário, o Grande, do príncipe Ióssaf (a história de Buda), lá estavam as palavras de João Crisóstomo, as palavras sobre o viajante que pulou no poço, sobre o monge que achou ouro, sobre Piotr, o Taberneiro; lá estavam as histórias dos mártires, de

todos que proclamaram sempre a mesma coisa, que a morte não destrói a vida; lá estavam as histórias dos analfabetos, dos tolos, dos que não sabem nada dos ensinamentos da Igreja, e que foram salvos.

No entanto, bastava eu me reunir com os crentes instruídos, ou pegar seus livros, para que uma espécie de dúvida sobre mim mesmo, certa insatisfação e certa exasperação com aquela discussão afluíssem dentro de mim e eu sentia que, quanto mais me aprofundava em suas palavras, mais me afastava da verdade e mais me perdia.

XV

Quantas vezes invejei os mujiques por seu analfabetismo e sua falta de instrução. Daqueles postulados da fé, que, para mim, redundavam em tolices evidentes, para eles nada possuíam de mentiroso; os mujiques eram capazes de aceitá-los e podiam acreditar na verdade, naquela verdade em que eu também acreditava. Só que para mim, o infeliz, estava claro que a verdade estava amarrada à mentira com linhas finíssimas e que, sob esse aspeto, eu não podia aceitá-la.

Assim vivi três anos, mais ou menos, e no início, quando eu, como um possesso, apenas me aproximava pouco a pouco da verdade, guiado somente pelo instinto, avançando para onde me parecia estar mais claro, aqueles conflitos me impressionaram menos. Quando não compreendia algo, eu dizia a mim mesmo: “A culpa é minha, sou mau”. Porém, quanto mais eu me compenetrava das verdades que aprendia, quanto mais elas se tornavam o fundamento da vida, mais pesados e impressionantes se tornavam aqueles conflitos, e mais incisivas se tornavam as linhas divisórias entre aquilo que não compreendo – porque não sei compreender – e aquilo que não é possível compreender de outra forma, senão como uma mentira que contamos para nós mesmos.

Apesar dessas dúvidas e desses sofrimentos, eu ainda me afeitava à Igreja Ortodoxa. Mas surgiram as questões da vida, que é preciso resolver, e a solução dessas questões oferecida pela Igreja – contrária à própria base dessa fé que eu vivia – obrigou-me, definitivamente, a renunciar à possibilidade de qualquer associação

com a Igreja Ortodoxa. Essas questões eram, em primeiro lugar, a relação da Igreja Ortodoxa com as outras igrejas – a católica e os chamados raskólniki. Nessa época, por causa de meu interesse pela fé, eu me aproximei de crentes de diversas confissões: católicos, protestantes, velhos-crentes, molokáni etc. E, entre eles, eu encontrava muita gente moralmente superior e que eram crentes verdadeiros. Queria me tornar irmão dessas pessoas. E o que aconteceu? A doutrina que me prometia unir todos com uma só fé e com amor, essa mesma doutrina, na pessoa de seus melhores representantes, me dizia que toda essa gente se encontra na mentira, que o que dá a eles a força de viver é uma tentação do diabo, e que só nós estamos de posse da única verdade possível. E vi que todos os que não professam a mesma fé que os ortodoxos são, por eles, considerados heréticos, exatamente como os católicos e os outros consideram a Igreja Ortodoxa uma heresia; vi que todos os que não professam sua fé com os símbolos exteriores e com as palavras dos ortodoxos são tratados com hostilidade – embora tentem esconder isso –, como não podia deixar de ser, em primeiro lugar porque a afirmação de que você está na mentira e eu na verdade são as palavras mais cruéis que uma pessoa pode dizer a outra e, em segundo lugar, porque uma pessoa que ama os filhos e os irmãos não pode deixar de se relacionar de forma hostil com pessoas que desejam converter seus filhos e seus irmãos a uma fé mentirosa. E essa hostilidade aumenta à medida que melhor conhecemos a doutrina. E eu, que supunha que a verdade estava na unidade do amor, não pude deixar de ficar chocado ao ver que a própria doutrina destrói aquilo que ela deveria promover.

Essa tentação é tão evidente para nós, pessoas instruídas que vivemos em países onde se professam várias fés e que vemos a rejeição desdenhosa, arrogante, inflexível com que um católico se relaciona com um ortodoxo e um protestante, um ortodoxo se relaciona com um católico e um protestante, e um protestante se

relaciona com ambos, e que é exatamente igual a atitude de um velho-crente, de um pachkóviets, de um shaker e de todas as fês – essa tentação é a tal ponto evidente que, num primeiro momento, desperta perplexidade. Dizemos a nós mesmos que não pode ser algo tão simples assim e, no entanto, as pessoas não veem que, se duas doutrinas negam uma à outra, nem numa nem na outra se encontra a verdade única que deve ser a fé. Existe algo aqui. Existe alguma explicação – e eu pensei que existia e busquei essa explicação, li tudo que pude sobre o assunto e pedi conselhos a todos que pude encontrar. E não obtive nenhuma explicação, senão sempre a mesma, aquela pela qual os hussardos de Súmski consideram que o melhor regimento do mundo é o regimento dos hussardos de Súmski, e os hulanos amarelos consideram que o melhor regimento do mundo é o dos hulanos amarelos. Sacerdotes de todas as várias confissões, os melhores representantes delas, não me disseram nada, senão que acreditam que eles estão na verdade e os outros, na ilusão, e que tudo que podem fazer é rezar pelos outros. Conversei com arquimandritas, bispos, stáriets, monges ascetas e indaguei e ninguém fez nenhuma tentativa de me explicar essa tentação. Só um deles me esclareceu tudo, mas o fez de tal forma que eu já não perguntei mais nada a ninguém.

Eu disse que, para todos que não creem e que se voltam para a fé (e toda nossa jovem geração está sujeita a essa conversão), esta é a pergunta que se apresenta, em primeiro lugar: por que a verdade não está no luteranismo, nem no catolicismo, mas sim na Igreja Ortodoxa? No ginásio, é essa a lição que eles aprendem, mas eles não podem ignorar, como os mujiques ignoram, que um protestante e um católico também defendem, exatamente, a verdade única de sua fé. As provas históricas que cada confissão alega em sua defesa são insuficientes. Será que não é possível – dizia eu – alcançar um entendimento superior que permita que, do alto, as diferenças desapareçam, assim como elas desaparecem

para o crente verdadeiro? Será que não é possível ir além, pelo mesmo caminho que trilhamos no caso dos velhos-crentes? Eles afirmavam que nossa cruz, nossa aleluia e nossa procissão em torno do altar são diferentes. Nós dissemos: vocês acreditam no Sínodo de Niceia, nos sete mistérios, e nós também acreditamos. Então, vamos nos concentrar nisso e que vocês façam o resto como quiserem. Nós unimo-nos a eles, pondo o que é essencial na fé acima do que não é essencial. Agora, com os católicos, será que não é possível dizer-lhes: vocês acreditam nisso e naquilo, no principal, e no que diz respeito ao Filho (e do Filho) e quanto ao papa façam como quiserem? Será que não é possível falar também assim aos protestantes e unir-nos com eles no que constitui o principal? Meu interlocutor concordou com minha ideia, mas disse que tais concessões deram ensejo a censuras à autoridade religiosa, acusaram-na de estar a afastar-se da fé dos antepassados e promovendo o cisma, ao passo que a missão da autoridade religiosa é zelar por toda a pureza da fé ortodoxa greco-russa, transmitida pelos antepassados.

E compreendi tudo. Eu estava buscando a fé, a força da vida, e eles buscam os melhores meios de cumprir, perante as pessoas, determinadas obrigações humanas. E, ao executar essas tarefas humanas, eles as executam também à maneira humana. Por mais que falem de seu pesar com as ilusões dos irmãos e digam que rezam para que eles sejam alçados ao trono supremo – para executar as tarefas humanas, a força é necessária, e a força sempre foi, é e será aplicada. Se duas confissões se consideram portadoras da verdade, e cada uma vê a outra como estando do lado da mentira, então elas vão pregar sua doutrina para atrair seus irmãos para a verdade. E se a doutrina da mentira é pregada aos filhos inexperientes da Igreja, que está com a verdade, essa Igreja já não pode deixar de queimar livros, não pode deixar de banir as pessoas que levaram a tentação a seus filhos. O que fazer com o sectário que,

na opinião da ortodoxia, arde no fogo de uma fé mentirosa e leva os filhos da Igreja à tentação, na questão mais importante da vida, a fé? O que fazer com ele, porque não lhe cortar a cabeça ou não o prender? No tempo do czar Aleksei Mikháilovitch, queimavam pessoas na fogueira, ou seja, aplicavam o maior castigo; em nosso tempo, aplicam também o maior castigo: a prisão numa cela solitária. E voltei minha atenção para o que se faz em nome da religião, e me horrorizei e renunciei quase totalmente à Igreja Ortodoxa.

A segunda relação da Igreja com questões vivas era sua relação com a guerra e as execuções.

Nessa época, aconteceu uma guerra na Rússia. E os russos, em nome do amor cristão, começaram a matar seus irmãos. É impossível não pensar nisso. É impossível não ver que o assassinato é um mal, contrário às bases mais elementares de qualquer fé. No entanto, rezavam nas igrejas pelo sucesso de nossas armas e os professores da fé admitiam essa atividade assassina, que decorre da fé. E não foram só esses assassinatos na guerra, mas também no tempo dos distúrbios que se seguiram à guerra vi membros da Igreja, seus professores, monges, ascetas, que se alegravam com o assassinato de jovens sem rumo e indefesos. E voltei a atenção para tudo que faziam as pessoas que professavam o cristianismo, e fiquei horrorizado.

XVI

Parei de duvidar, me convenci plenamente de que, nesse conhecimento da fê a que eu havia aderido, nem tudo era verdade. Antes, eu diria que toda crença é mentira; mas, agora, era impossível dizer isso. Todo o povo tinha o conhecimento da verdade; disso não havia dúvida, porque, do contrário, o povo não viveria. Além disso, tal conhecimento da verdade já me era acessível, eu já vivia com ele e sentia toda a sua verdade; porém, nesse mesmo conhecimento, havia mentira. E disso eu não podia duvidar. E tudo aquilo que, antes, me repelia, agora se apresentava de forma viva à minha frente. Embora eu visse que em todo o povo houvesse menos dessa mistura com a mentira que me repelia do que nos representantes da Igreja, mesmo assim eu via que, também nas crenças do povo, a mentira estava misturada com a verdade.

No entanto, de onde vinha a mentira e de onde vinha a verdade? A mentira e a verdade eram transmitidas pelo que chamam de Igreja. A mentira e a verdade residem na tradição, no que chamam de tradição e de Escrituras Sagradas.

E, querendo ou não, fui levado ao estudo e à investigação dessas Escrituras e tradições – investigação que eu tanto temia, até então.

E voltei-me para o estudo dessa mesma teologia que, em outro tempo, repeli com tanto desprezo, como inútil. Na época ela me parecia uma série de bobagens inúteis; na época, por todos os lados, cercavam-me fenómenos da vida que me pareciam claros e cheios de sentido; agora, eu ficaria contente de me desvencilhar

daquilo que não cabe numa cabeça saudável, mas não tinha por onde escapar. O único conhecimento do sentido da vida que se revelou para mim se alicerça naquela crença – ou, pelo menos, está indissolivelmente ligado a ela. Por mais que, na minha mente velha e dura, esse conhecimento me pareça selvagem, representa a única esperança de salvação. É preciso examiná-lo com cuidado e atenção para entendê-lo, ainda que não seja para entendê-lo como a uma tese da ciência. Não é isso que procuro, nem posso procurar, conhecendo a peculiaridade do conhecimento da fé. Não vou procurar a explicação de tudo. Sei que a explicação de tudo tem de esconder-se no infinito, como o princípio de tudo. Mas quero entender de tal forma que eu seja levado até o que é fatalmente inexplicável; quero que tudo que é inexplicável continue assim, não porque as exigências de minha mente são erradas (são corretas e, fora delas, não posso compreender nada), mas sim porque vejo os limites de minha mente. Quero entender de tal forma que qualquer tese inexplicável se apresente para mim como uma necessidade da razão, e não como uma obrigação de crer.

Que na doutrina existe verdade, disso eu não tinha dúvida; mas também não tinha dúvida de que nela existe mentira, e eu tenho de encontrar a verdade e a mentira, para então separar uma da outra. Foi isso que tentei fazer. O que encontrei de mentira nesse saber, o que encontrei de verdade e a que conclusões cheguei, nisso consistem as partes seguintes desta obra, que, caso alguém a julgue necessária e de algum valor, provavelmente será publicada algum dia, em algum lugar.

1879

* * *

Isso foi escrito por mim há três anos.

Agora, enquanto revia essas provas para impressão e retornava às ideias e aos sentimentos que estavam dentro de mim,

quando passei por tudo isso, tive um sonho, alguns dias atrás. Esse sonho exprimi para mim, de forma concisa, tudo que passei e descrevi e, por isso, acho que, para aqueles que me entenderam, essa descrição do sonho vai renovar, esclarecer e concentrar num ponto só tudo que foi relatado tão demoradamente nestas páginas. Assim foi o sonho:

Estou deitado na cama. Não estou bem nem mal, estou deitado de costas. Mas começo a pensar se é bom ficar deitado; e parece que há algo incómodo em minhas pernas: não sei se é algo apertado, se é algo áspero, mas sei que há algo incómodo; sacudo as pernas e, ao mesmo tempo, começo a refletir a respeito de como estou deitado, sobre o que estou deitado – algo que até então nunca me havia passado pela cabeça. E, ao observar minha cama, vejo que estou deitado em cima de umas tiras feitas de cordões trançados, presas aos cantos da cama. Os tornozelos estão em cima de uma dessas tiras, as coxas estão sobre outra tira, e as pernas ficam numa posição incômoda. Por algum motivo, sei que é possível remover as tiras trançadas. E, com um movimento dos pés, afasto a tira que está na ponta, por baixo das pernas. Parece-me que assim ficarei mais tranquilo. Porém eu afastei-a demais, quero pegá-la de volta com os pés, no entanto, com esse movimento, outra tira desliza por baixo da coxa e meus pés ficam pendurados. Faço um movimento com todo o corpo, para me ajeitar melhor, absolutamente convencido de que assim vou-me acomodar; porém, com esse movimento, outras tiras deslizam e deslocam-se por baixo de mim e vejo que a situação vai de mal a pior: toda a parte de baixo de meu corpo está solta e em suspenso, os pés não alcançam o chão. Eu me apoio apenas nas costas e sinto não só um incômodo, mas também, por algum motivo, pavor. Só então me pergunto algo que, antes, não me passou pela cabeça. Eu me pergunto: onde estou e sobre o que estou deitado? Começo a olhar em volta e, antes de tudo, olho para baixo, onde meu corpo

está em suspenso e onde, eu sinto, devo cair a qualquer momento. Olho para baixo e não acredito em meus olhos. Não é apenas que eu esteja num lugar muito alto, como se estivesse no topo da mais alta torre ou da mais alta montanha, mas sim numa altitude tão grande como nunca seria capaz de imaginar.

Não sou capaz sequer de concluir se de facto avisto algo lá em baixo, naquele abismo sem fundo, à beira do qual estou pendurado e para o qual me sinto puxado. O coração aperta-se e sinto pavor. Olhar para lá horroriza-me. Sinto que, se eu olhar, logo vou escorregar das últimas tiras trançadas e morrer. Não olho, mas não olhar é pior ainda, porque penso no que vai acontecer comigo, dali a pouco, quando eu despencar das últimas tiras trançadas. E sinto que, por causa do pavor, perco o último ponto de apoio e, lentamente, escorrego sobre as costas, cada vez mais para baixo. Só mais um instante e vou despencar. E então me vem uma ideia: isso não pode ser verdade. É um sonho. Acorde. Tento acordar e não consigo. “O que fazer, o que fazer?”, pergunto a mim mesmo, e olho para cima. Para cima, também é um abismo. Olho para esse abismo do céu e tento esquecer o abismo de baixo e, de facto, esqueço. O infinito de baixo me repele e me apavora; o infinito do alto me atrai e me sustenta. Assim, estou pendurado à beira do abismo, sobre as últimas tiras que ainda não deslizaram por baixo de mim; sei que estou pendurado, mas só olho para cima e meu medo passa. Como acontece nos sonhos, uma voz me diz: “Preste atenção, aqui está ele!”. E olho cada vez mais para cima, no infinito do alto, e sinto que me tranquilizo, lembro tudo o que passou e recordo como tudo aconteceu: como sacudi as pernas, como fiquei em suspenso, como me apavorei e como me salvei do pavor, quando comecei a olhar para o alto. E pergunto para mim mesmo: “Muito bem, mas e agora, eu não continuo pendurado do mesmo jeito?”. E assim que olhei para o lado, senti, com todo o corpo, o ponto de apoio sobre o qual estou escorado. E vejo que já não

estou mais pendurado, e que não estou caindo, mas sim firmemente apoiado. Pergunto-me como estou apoiado, apalpo-me, olho em volta e vejo que, de baixo de mim, em baixo do centro de meu corpo, há uma tira trançada e que eu, olhando para cima, estou deitado sobre ela num equilíbrio perfeitamente estável e que, já antes, era só ela que me sustentava. Então, como acontece nos sonhos, o mecanismo por meio do qual estou apoiado com firmeza me pareceu muito natural, compreensível e incontestável, apesar de, na vigília, esse mecanismo não ter nenhum sentido. No sonho, até me admirei de não ter entendido isso antes. Revelou-se que, na minha cabeceira, há uma coluna, e a firmeza dessa coluna não admite nenhuma dúvida, apesar de essa coluna fina não estar apoiada em nada. Depois, vejo que, a partir da coluna, de modo muito sagaz e muito simples, está estendida uma tira trançada e que, se deito com o meio do corpo sobre essa tira trançada e olho para o alto, não há nem como imaginar que eu vá cair. Tudo isso ficou muito claro para mim e me senti contente e tranquilo. E pareceu que alguém me dizia: olhe bem, lembre-se. E acordei.